



**Instituto
PIAGET**

Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Lígia Maria Ferrão Capucho

**Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção - Dois Estudos de Caso
Perspetiva de pais e professores envolvidos**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professora Doutora Clementina da Conceição Lobato Nogueira

Almada, 2018



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

Orientador: Doutor(a) Clementina da Conceição Lobato Nogueira

Almada, Novembro 2018

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Clementina da Conceição Lobato Nogueira que me orientou e me fez crescer academicamente, estou-lhe inteiramente grata.

A todos os professores do Instituto Piaget pela simpatia, disponibilidade e orientação.

À minha família, em especial ao meu filho João Maria, à minha mãe e à minha cunhada pelo ânimo e apoio nesta caminhada.

Às orientadoras de estágio e em especial à professora cooperante Ágata Pereira e à educadora cooperante Rute Ramusga pela ajuda e colaboração.

Às minha colegas e companheiras pelos momentos de partilha, de alegria e de alguma angústia. O poio, o companheirismo e o alento estiveram sempre presentes, o meu profundo agradecimento a todas elas.

Dedicatória

Foi por ti que tomei a decisão,
Foi por ti que me aventurei,
Foi por ti que li e estudei,
Foi por ti que ri e às vezes desesperei.
Mas uma coisa aprendi,
Desistir não é solução.
Desistir jamais!
Porque quando se ama inteiramente
O caminho é enfrentado de frente
Com alma, garra e determinação.
Com receio? Às vezes.
Mas por ti meu João!
Faria tudo de novo.
Porque quando se ama um filho,
O amor dá-nos alento, bravura, dedicação e ternura...
Excessivamente em excesso...
Por ti meu João!
Faria tudo de novo
Com muita devoção.

Ao meu filho João Maria

Resumo

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II. No estágio em jardim-de-infância o projeto de intervenção foi a criação de uma biblioteca e em 1º ciclo foi sobre ciências experimentais, “Experimenta e aprende”.

Através da observação realizada nos estágios, designadamente no estágio em 1º ciclo, a problemática da Hiperatividade e Défice de Atenção observada em dois alunos, formou o anseio de pesquisar e aprofundar o assunto. A forma significativa como afeta o comportamento das crianças e o seu rendimento escolar é um dos temas que merece grande destaque. Considera-se assim, importante, a reflexão sobre as dificuldades que lhe estão subjacentes.

Através desta investigação pretendeu-se investigar e compreender as causas e perspetivas de vários intervenientes que convivem com esta perturbação.

A investigação teve como ponto de partida dois alunos diagnosticados com PHDA e tratou-se de dois estudos de caso.

A metodologia utilizada foi a qualitativa e as técnicas foram: o diário de bordo, a entrevista semiestruturada e a análise documental.

Com o presente estudo pode-se concluir que a PHDA é um transtorno caracterizado por um padrão de comportamentos com um índice de gravidade maior ou menor e com sintomas que podem ser: falta de atenção, impulsividade e hiperatividade, contudo, cada criança é única e apresenta um conjunto de variantes que a tornam singular. A junção de vários sintomas, o índice de gravidade, o diagnóstico, a família e o ambiente escolar têm uma influência muito significativa na vida de uma criança com PHDA.

Nesta investigação não houve a pretensão de apresentar todas as questões relacionadas com a problemática, mas sim, dar a conhecer a perspetiva da professora titular, do professor de Ensino Especial e dos pais, sobre o comportamento e as dificuldades a nível escolar dos dois alunos envolvidos no estudo.

Palavras-chave: Grupo/Turma, Hiperatividade e Défice de Atenção, professores, pais, comportamento e aprendizagem.

Abstract

This report was carried out under the Supervised Educational practice II. In kindergarten the intervention project was the creation of a library and in primary school it was about experimental science named "Experiment and learn".

Through observation on primary school, the problems related to Attention Deficit Hiperactivity Disorder on two children, formed the yearning of research and deepen the subject. The way it affects children's behavior and school performance is one of the themes that deserves great attention. It is considered important to reflect on the its difficulties that underlie it.

Through reserch it was intended to investigate on the subject to understand the causes and perspectives of several stakeholders.

The reserch used was a statirng point two students diagnosed with Attention Deficit Hiperactivity Disorder and were two case studies.

The methodology used was qualitative and the thecnics were: logbook, the semi-structured interview, the documentar analisys.

With the this study it can be concluded that ADHA is a disorder characterized by a pattern of behaviors, observable in all children with ADHA, with a higer or lower severity and with symptons that may be: lack of attention, impulsivity and hiperactivity, however, each child is unique and presents a set of variants. The combination of several symptons, severity, diagnosis, family and environment in the classroom have a very significant influence on the life of a child with ADHA.

With the present study there was no pretension to present all the question related to the problem, but rather, to make known the perspective of the titular teatcher, of the teatcher of especial education and the parents, about the behavior and the difficulties at school level of the two students involved in the study.

Keywords: Group/class, Hiperactivity and Attention Deficit, teachers, parents, behavior and teaching-learning.

Índice de anexos

Anexo I – Declaração de autorização depósito no repositório comum

Anexo II – Licença de distribuição não exclusiva – repositório comum

Índice de apêndices

- Apêndice I - Cronograma da investigação
- Apêndice II- Guião de entrevista à professora titular
- Apêndice III - Guião de entrevista ao professor de Educação Especial
- Apêndice IV - Guião de entrevista aos pais
- Apêndice V - Registo de observação do aluno R.
- Apêndice VI - Registo de observação do aluno R.
- Apêndice VII - Registo de observação do aluno R.
- Apêndice VIII - Registo de observação do aluno R.
- Apêndice IX - Registo de observação do aluno R.
- Apêndice X - Registo de observação do aluno R.
- Apêndice XI- Registo de observação do aluno L.
- Apêndice XII - Registo de observação do aluno L.
- Apêndice XIII - Registo de observação do aluno L.
- Apêndice XIV - Registo de observação do aluno L.
- Apêndice XV - Registo de conversa com o aluno L.
- Apêndice XVI - Registo de observação do aluno L.
- Apêndice XVII - Registo de observação do aluno L.
- Apêndice XVIII - Transcrição da entrevista à professora titular sobre o aluno R.
- Apêndice XIX - Transcrição da entrevista ao professor de EE sobre o aluno R.
- Apêndice XX -Transcrição da entrevista à mãe do aluno R.
- Apêndice XXI - Transcrição da entrevista à professora titular de turma sobre o aluno L.
- Apêndice XXII - Transcrição da entrevista ao professor de EE sobre o aluno L.
- Apêndice XXIII -Transcrição da entrevista à mãe do aluno L.

Índice de abreviaturas

PHDA - Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção

PES - Prática de Ensino Supervisionada

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

NEE- Necessidades Educativas Especiais

EE - Educação Especial

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

PEI - Programa Educativo Individual

APA – Associação de Psiquiatria Americana

Índice Geral

Introdução	- 6 -
Capítulo I - Prática Profissional em contexto de estágio de Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico	- 10 -
1 – Pressupostas e contextualização da prática profissional	- 10 -
2 – Caracterização das entidades cooperantes e dos grupos de pré-escolar e 1º ciclo	- 11 -
2.1 – Caracterização da instituição onde se realizou o estágio em pré-escolar	- 11 -
2.2 – Caracterização do grupo de pré-escolar	- 12 -
2.3 - Caracterização da instituição onde se realizou o estágio em 1º Cicl-	13 -
2.4 – Caracterização da turma de 1º ciclo	- 14 -
3 – Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida	- 18 -
3.1 – Escolha da temática	- 18 -
3.2 – Cronograma	- 18 -
Capítulo II – Estudo Empírico	20
1 – Enquadramento teórico	20
1.1- Definição de PHDA	20
1.2 – Perspetiva histórica	21
2- Etiologia	22
3 – Sintomatologia	25
3.1 – Implicações na escola	27
3.2 – Intervenção Farmacológica	28
3.3– Gestão da Hiperatividade em Sala de aula	29
3.4 – Enquadramento legal dos apoios escolares	31
4 – Objeto de estudo	32
4.1. Objetivos do estudo	33

4.2 – Metodologia.....	34
5 – Técnicas de recolha de dados utilizados	35
5.1 – Observação participante.....	35
5.2 – Análise documental	36
5.3 - A entrevista	36
6 - Caracterização dos sujeitos envolvidos nas entrevistas.	38
7 – Apresentação dos alunos envolvidos no estudo.....	39
7.1 – Caracterização do aluno R.....	39
7.2 Caracterização do aluno L.....	41
8 – Avaliação comparativa dos sujeitos em estudo R. e L.....	44
9 – Reflexão.....	45
10 – Considerações finais	48
Referências Bibliográficas	51
Anexos.....	53
Apêndices	56

Introdução

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico. O tema escolhido para a investigação veio na sequência da observação em contexto de estágio em 1º ciclo, de duas crianças com PHDA. Esta temática não esteve relacionada com os projetos de intervenção que foram implementados durante os estágios.

A dificuldade dos alunos com PHDA em seguir o padrão comportamental do restante da turma, as dificuldades a nível de aprendizagem e o esforço acrescido que despendem, orientaram a escolha do tema abordado.

Os problemas de comportamento são os mais frequentes, tendo implicações negativas ao longo da vida, no respeito à aprendizagem escolar e à adaptação social (Neto, 2014).

A maioria destas perturbações é decorrente de disfunções neurológicas de início precoce, durante o período de desenvolvimento neuronal e suas conexões sinápticas. Contam-se entre estes problemas as perturbações de hiperatividade e défice de atenção e outros comportamentos disruptivos como os de oposição e da conduta (Neto, 2014).

Frequentemente, pais e professores debatem-se, diariamente, com os desafios comportamentais e dificuldades de aprendizagem que estas crianças manifestam. A constante irrequietude, os comportamentos desajustados, a dificuldade em socializar, a baixa autoestima associada à PHDA e falta de resiliência são alguns dos obstáculos que pais e professores enfrentam. Para além dos sentimentos vividos pela própria criança com PHDA, a dificuldade de adaptação, de concentração e concretização das tarefas escolares.

As sociedades pautam-se por normas de conduta social e modelos de comportamento. Atualmente, pretende-se que todas as crianças aprendam e se comportem mediante certas regras com o objetivo de atingir o sucesso académico. Contudo, o desenvolvimento psicomotor e a maturação comportamental e emocional, bem como o crescimento, apresentam grandes variações. Desta forma, têm de se conceber adequações curriculares, adequar a aprendizagem face ao currículo e ajustar a metodologia à criança, evitando-se assim, comportamentos desajustados e desafiantes (Strecht, 2008).

Face ao quadro descrito, o dia-a-dia com estas crianças constitui um desafio constante para a escola, pais e professores. O impacto desta perturbação é grande, tanto nas famílias como na escola, com prejuízos visíveis a nível académico e social, com efeitos negativos na autoestima de crianças e jovens.

Segundo Lopes (1998) as dificuldades de atenção, de autocontrolo e autorregulação tendem a intensificar-se em situações de grupo, tornando a interação com os seus pares difícil em momentos de brincadeira e atividades de grupo em sala de aula.

A explanação da temática ambiciona aprofundar conhecimentos teórico-práticos sobre a PHDA e investigar o desenvolvimento das competências de dois alunos com esta perturbação, observados em contexto de estágio em 1º ciclo em sala de aula.

Deste modo, este estudo pretende espelhar a realidade escolar e familiar das crianças com esta perturbação, bem como a perspetiva dos pais e professores.

O estudo etiológico sobre a PHDA destaca a evidências de fatores genéticos, neurobiológicos, fatores pré-natais e pós-natais, fatores ambientais, familiares e socioculturais que contribuem, substancialmente, para os sintomas desta perturbação e para a ocorrência da própria perturbação (Neto, 2014).

No que respeita à prática pedagógica em pré-escolar e aos projetos de intervenção, optou-se por desenvolver um projeto que colmatasse uma necessidade, a falta de uma biblioteca na sala onde decorreu o estágio.

É fundamental que os educadores fomentem o gosto pelos livros, incentivem a promoção de atividades que encorajem as competências pré-leitoras e a leitura partilhada entre crianças. Desde o jardim-de-infância as histórias constituem autênticos momentos de prazer. As histórias de livros, contos de fadas, contos maravilhosos, rimas, poemas e trava-línguas, são formas da criança conhecer melhor o mundo que a rodeia.

Os primeiros contactos com livros adequados à idade da criança e aos seus interesses, a referência de um adulto que conte histórias são fatores muito importantes no incentivo à leitura. Segundo as Organizações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016), o educador deve contar histórias, promover conversas sobre as mesmas, criar oportunidades da criança recontar e criar as suas próprias histórias.

No 1º ciclo, uma vez que o programa do 4º ano de estudo do meio contempla um bloco destinado à descoberta dos materiais e objetos, optou-se por desenvolver um projeto em ciências experimentais, “Experimenta e Aprende”. A proposta do projeto foi muito bem aceite pela turma e pela professora cooperante. Sendo um projeto de carácter mais prático, conclui-se, ser até um fator muito positivo e estimulante para uma turma de 4º ano. Assim, a escolha foi uma decisão relativamente fácil e do agrado de todos os envolvidos.

A dinamização do projeto foi sempre relacionado com os conteúdos abordados a Estudo do Meio. As temáticas abordadas pela professora cooperante eram depois alicerçadas com as ciências experimentais. Os objetivos do projeto eram explicar e abordar os temas numa perspetiva experimental, usando o método científico.

Laçando um olhar retrospectivo sobre o que foi a prática pedagógica em contexto de estágio em pré-escolar e 1º ciclo, considera-se que foi um processo de grande aprendizagem e construção pessoal, científica e pedagógica.

Para além do crescimento a nível pessoal, destaca-se os conhecimentos aprofundados e adquiridos ao longo deste percurso. A nível pedagógico, as estratégias usadas pela educadora e pela professora cooperante foram aprendizagens significativas enquanto estagiária. Assim sendo, destaca-se o trabalho cooperativo como uma forma de promover a aprendizagem na sala de aula.

Salienta-se, também, a forma de trabalhar os diferentes conteúdos de uma forma interdisciplinar como uma aprendizagem muito importante. Planificar as atividades e as aulas, relacionando conteúdos de várias áreas curriculares constituiu um desafio superado. O planeamento das atividades e dos projetos em parceria com o grupo/turma, partindo do interesse das crianças foi outro dos aspetos que se consideram de enriquecimento a nível didático.

A dinamização de atividades de caráter mais prático e a gestão do grupo/turma foram aspetos relevantes durante a prática pedagógica. A autoestima e a autoconfiança foram crescendo, progressivamente, durante os estágios.

No que respeita à organização dos capítulos, no primeiro capítulo do presente relatório contextualizou-se a prática profissional em pré-escolar e 1º ciclo, onde foram caracterizadas as instituições e os grupos de crianças envolvidas, assim como os pressupostos da prática educativa. Neste capítulo, trata-se ainda as bases que sustentam o desenvolvimento da prática e da escolha do tema de investigação. Por fim, apresenta-se um cronograma (ver apêndices 54, 55 e 56) onde se explicam todos os passos desta investigação.

No segundo capítulo, é apresentado o estudo empírico da investigação, onde se elaborou o enquadramento teórico sobre a temática estudada, designadamente, a definição de PHDA, a perspetiva histórica, a etiologia, a sintomalogia, o índice de gravidade, as implicações na escola, a intervenção farmacológica, a gestão da PHDA em sala de aula e o enquadramento dos apoios escolares dos dois alunos envolvidos no estudo. Apresenta-se ainda, o objeto de estudo, a metodologia utilizada, as diferentes técnicas usadas, nomeadamente, a observação participante, a entrevista semiestruturada, a análise documental e o diário de bordo. Incluem-se neste capítulo também, a caracterização dos sujeitos envolvidos nas entrevistas, a caracterização dos dois sujeitos com PHDA observados no estudo e ainda uma comparação entre ambos.

Por último apresenta-se uma reflexão e as considerações finais.

Capítulo I - Prática Profissional em contexto de estágio de Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

1 – Pressupostas e contextualização da prática profissional

A perspetiva educacional que sustenta a prática profissional enquanto futura educadora/professora assenta sobre uma filosofia psicognitivista. Esta filosofia é baseada no cognitivismo/construtivismo que conduz a uma perspetiva mais interacionista.

Esta forma de olhar a educação é baseada numa metodologia construtivista que acredita no potencial da criança, na sua herança cultural, nas suas ações e comportamentos. Toda a criança tem o poder de absorver e assimilar informações do mundo exterior e acomodá-las em si. Todo o saber é produzido pela construção do conhecimento, a partir das suas descobertas e em contato com o mundo que a rodeia e com os objetos Piaget (citado por Fosnot, 1996).

A criança é o centro de toda a ação do processo educativo. O educador/professor deve observar a criança, ter em consideração a sua herança cultural, os seus conhecimentos prévios, a especificidade e a identidade de cada um. Deve adotar metodologias que facilitem a aprendizagem do discente e não ser um mero transmissor de conhecimentos. Deve estimular o conhecimento, o pensamento e a capacidade de reflexão e de abstração (Coll e al., 2001).

De acordo com os autores citados anteriormente, a aprendizagem deve constituir uma aproximação ao objeto da realidade ou sobre um conteúdo que se aprende. Neste processo, não só modificamos o que já possuímos, como também interpretamos o novo e o integramos. Desta forma, o processo de aprendizagem torna-se significativo, ou seja, o aluno aprende a construir um significado próprio e pessoal.

O conhecimento constrói-se: experimentando, manuseando e vivenciando, por isso o docente deve ser um facilitador das aprendizagens do aluno, adotando métodos que estimulem a curiosidade e desenvolvam o gosto por novas aprendizagens. Privilegiando a criança como o centro de toda a atividade, é ela que edifica o seu conhecimento (Fosnot, 1996).

Segundo Piaget (citado por Henriques, 1996), a criança deve estar em permanente interação com o meio que a rodeia, pois o conhecimento constrói-se através da ação sobre objetos. O desenvolvimento intelectual e social é construído através desta reciprocidade entre os fatores externos (meio físico e social) e o sujeito (criança).

Indo ao encontro, também, enquanto estagiária das teorias sociocognitivas, estas destacam-se pelo grande ênfase que dão ao papel da socialização no processo do desenvolvimento cognitivo. A criança não aprende sozinha, as relações sociais são de extrema importância na aquisição do conhecimento.

A relação entre o professor/aluno é fundamental, mostrando-se atento e disponível no processo de aprendizagem do aluno. A relação de cooperação entre colegas favorece, também, a aprendizagem e enriquece o desenvolvimento social, pessoal e cognitivo das crianças (Bertrand, 2001).

Vygotsky ressalva o papel do professor, que deixa de ser encarado como a única fonte de saber, a comunidade exerce um papel fundamental na aquisição de conhecimentos. O conhecimento constrói-se na relação da criança com adultos ou crianças mais conhecedoras.

A zona de desenvolvimento proximal desenvolvido por Vygotsky é “a distância entre o nível de desenvolvimento real e o seu nível de desenvolvimento potencial sob a orientação de adultos mais experientes ou em colaboração com colegas mais competentes” (Moll,1990,p.103). O trabalho cooperativo assume, assim, destaque na perspectiva deste teórico. A criança partindo do que já sabe, com ajuda de um adulto ou de um colega desenvolve o seu conhecimento, atingindo assim a ZDP.

Deste modo, o professor deve estar atento à criança, às mudanças sociais e às exigências de um mundo em constante transformação. Deve ser um criativo por natureza, adotando sempre que necessário, novas metodologias em sala de aula que estimulem a curiosidade. Deve ter uma boa relação e aproximação com os pais e com a comunidade. Deve ser um bom comunicador, sem nunca esquecer que a comunicação numa sala de aula deve ser bilateral. Deve estar atento a novos instrumentos que possam facilitar o processo de ensino aprendizagem. Deve desenvolver aprendizagens curriculares, promovendo a capacidade de reflexão e espírito crítico dos seus alunos. Desta forma, está a prepará-los o melhor possível, para serem cidadãos felizes, autónomos e responsáveis.

2 – Caracterização das entidades cooperantes e dos grupos de pré-escolar e 1º ciclo

2.1 – Caracterização da instituição onde se realizou o estágio em pré-escolar

A instituição onde decorreu o estágio em pré-escolar tinha cerca de 66 crianças, 8 crianças na sala do berçário, 7 crianças na sala de 1 ano de idade, 6 crianças de 2 anos e 12 crianças na sala de pré-escolar.

A equipa educativa era composta por 3 educadoras, 4 assistentes operacionais, 1 coordenadora pedagógica e uma diretora.

Todas as salas tinham equipamentos e materiais específicos para cada grupo, tendo em consideração a faixa etária e as atividades a desenvolver com cada grupo.

A sala de pré-escolar onde decorreu o estágio era composta por várias áreas distintas: a área da casinha, a área dos jogos de mesa, a área das construções e a área da biblioteca. As paredes tinham as produções realizadas pelos alunos e as planificações das atividades elaboradas pela educadora e pelas crianças, de acordo com os temas abordados semanalmente ou mensalmente.

Na sala, as crianças conseguiam-se ver umas às outras, facilitando assim, o diálogo entre elas. O educador, também tinha uma boa visibilidade da sala, permitindo, deste modo, uma perceção do grupo, podendo assim, intervir sempre que necessário. A socialização e interação entre criança/criança e criança/adulto era assim, favorecida.

A organização do espaço e dos materiais vai ao encontro das necessidades do grupo com o objetivo de dar uma resposta eficaz a determinadas fases do desenvolvimento do projeto curricular e das atividades desenvolvidas.

Neste contexto, um dos objetivos era proporcionar à criança a manipulação e exploração dos objetos com vista a desenvolver a autonomia e a socialização.

No que respeita à organização do tempo, este era gerido pela educadora da sala e progressivamente, pelas crianças que interiorizaram o esquema de trabalho e as rotinas diárias. Embora houvessem momentos que se repetiam, nem todos os dias eram iguais, pois as propostas da educadora e das crianças alteravam o dia-a-dia. O sentido do tempo foi construído através de um mapa de presenças e de um mapa com as estações do ano, os meses e o respetivo ano.

A escolha das áreas era feita pelas crianças, embora fossem encorajadas a brincar e a desenvolver atividades em todas as áreas.

2.2 – Caracterização do grupo de pré-escolar

O grupo de pré-escolar era um grupo heterogéneo composto por 12 crianças, 6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. As suas idades eram compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Todo o grupo era de nacionalidade portuguesa. Uma das crianças da sala de pré-escolar tinha uma irmã na mesma instituição na sala dos 2 anos.

Onze crianças provinham de famílias nucleares à exceção de uma criança que provinha de uma família monoparental.

Relativamente ao nível académico dos pais, pode-se referenciar que se situavam no num nível médio alto, a grande maioria tinha Licenciatura e Mestrado. Estando o nível académico relacionado com o acompanhamento escolar dos filhos, constatou-se que todas as crianças da sala eram devidamente acompanhadas. Os pais manifestavam interesse na vida escolar dos seus filhos e nas suas aprendizagens, eram pais dedicados e empenhados nas tarefas, revelando sempre uma grande proximidade com a educadora.

No que concerne à caracterização psicológica do grupo de crianças, pode-se afirmar que era um grupo calmo e muito afetuoso, as crianças na generalidade eram todas interessadas nas atividades propostas e empenhadas na sua própria aprendizagem.

Em relação ao desenvolvimento das crianças, duas apresentavam algum atraso a nível global, tendo manifestado alguma evolução desde o início até ao final do estágio. Uma destas crianças foi, posteriormente, diagnosticada com Autismo, manifestando uma hipersensibilidade aos sons. O restante grupo apresentava um nível adequado à sua faixa etária.

O projeto desenvolvido no estágio em pré-escolar teve como objetivo criar a área da biblioteca. A escolha do projeto surgiu da observação em contexto de estágio. Nas primeiras semanas, identificou-se a inexistência de uma área, onde as crianças pudessem explorar e ver livros. O único espaço que existia na sala eram umas prateleiras com livros rasgados, área essa, que não era utilizado pelo grupo. Em diálogo com a educadora e com o grupo verificou-se um grande entusiasmo e todos concordaram

em desenvolver este projeto. Assim, iniciou-se a preparação do espaço com a colocação de um armário para os livros, limpou-se a área e colocaram-se almofadas e um pequeno tapete para as crianças se sentarem. Os livros foram trazidos por todos os intervenientes no projeto (educadora, estagiária e crianças). Os pais foram também informados sobre o projeto e participaram também, incentivando os seus filhos a levar e a partilhar livros. A tarefa foi muito bem aceite tanto pelos pais, como pelas crianças que se empenharam, diariamente em trazer histórias diferentes.

A audição de histórias passou a ser uma atividade diária (depois do almoço), que até então não existia. Desenvolveram-se muitas atividades relacionadas com o projeto de intervenção, nomeadamente, a elaboração de livros feitos pelas crianças para ficarem na área da biblioteca. Estimular a audição de histórias, criar o gosto pelos livros, incentivar a partilha de livros, foram objetivos alcançados com a sua dinamização.

Fazendo uma retrospectiva sobre a implementação do projeto, pode-se afirmar que foi um sucesso. O projeto foi muito bem aceite pelo grupo, o planeamento correu muito bem, o grupo participou e mostrou-se sempre interessado e empenhado em colaborar. Todas as crianças se mostraram disponíveis em trazer livros, os pais também cooperaram, incentivando os seus filhos a levarem livros para partilharem com os colegas. Constatou-se, ainda, que todo grupo procurava a área da biblioteca mais vezes durante o dia, o que demonstrou que a criação deste espaço foi um êxito. Outro aspeto muito positivo, foi as crianças pedirem para serem elas a contar as histórias, recontando muitas vezes aos pais, em casa. A perceção do que era uma biblioteca foi, também, algo apreendido pelas crianças, revelando o seu entendimento através de frases como: - "Ó C. vou buscar o meu livro à biblioteca, tenho que levar para casa, mas eu amanhã trago outro".

A dinamização do projeto foi um sucesso e foi muito estimulante. Observar o envolvimento das crianças, dos pais e da educadora durante a sua implementação foi algo que se destaca pela positiva. Enquanto estagiária realça-se o crescimento a nível pessoal e profissional, na medida em que nem sempre é fácil reunir a vontade e o empenho de todos, mas com determinação e vontade tudo é possível. Destaca-se ainda a confiança e segurança ao longo de todo o estágio. A relação com a educadora constituiu uma mais-valia nas planificações das atividades e em todo o processo. Ao longo do estágio estabeleceu-se uma relação muito próxima com o grupo e com toda a equipa educativa o que permitiu desenvolver o projeto e as atividades propostas.

2.3 - Caracterização da instituição onde se realizou o estágio em 1º Ciclo

A escola onde decorreu o estágio em 1º ciclo situava-se no concelho da Amadora e tinha no ano 2017/2018 cerca de 403 alunos, sendo que 249 beneficiam de Ação Social Escolar (ASE), refletindo assim o nível socioeconómico das famílias. A escola tinha 24 docentes e 12 assistentes operacionais. A população escolar tinha 12 nacionalidades diferentes que representavam uma diversidade linguística e cultural significativa. Destacavam-se as nacionalidades: Espanha, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Brasil, Ucrânia, Roménia, Congo, Nigéria, Paquistão e Índia.

A sala onde se realizou o estágio de PES II em 1º ciclo tinha boas dimensões e mantinha, diariamente, boas condições de higiene.

A disposição da sala era em U tornando-a, assim, mais interativa. Os alunos conseguiam-se ver uns aos outros, facilitando o diálogo e uma maior cooperação entre todos. Existia ainda uma ilha de mesas no meio, para facilitar o trabalho em ciências experimentais, projeto desenvolvido durante o estágio. Desta forma, a aula era visível a todos os alunos. O professor, tinha também, uma maior percepção da turma, podendo assim observar melhor.

Na sala existiam 3 armários para guardar material escolar. Os armários não estavam identificados e o material está distribuído, aleatoriamente. Existiam vários tipos de material como: jogos, puzzles, Tangram, Cuisenaire, Abaco, Mab, sólidos geométricos, colares de peças, livros escolares, tesouras, colas, lápis de cor, cartolinas, folhas de papel, entre outros. Havia também, um quadro preto, um quadro interativo, e um computador. Existia ainda, material feito pelos alunos para ser usado em Português, Matemática e Estudo do Meio.

A diversidade do material permitia abordar os diferentes conteúdos programáticos de uma forma mais interativa e possibilitava o manuseando e a exploração dos mesmos. Todo o material estava ao alcance dos alunos, permitindo maior autonomia na utilização e gestão dos mesmos.

Nos painéis da sala estavam expostos as produções dos alunos e material de apoio às várias áreas curriculares.

Em relação à organização do tempo, a professora cooperante planificava e organizava as aulas, antecipadamente. As várias áreas curriculares eram dinamizadas de uma forma interdisciplinar, para melhor se compreenderem. As várias disciplinas eram trabalhadas de uma forma global, interligando, assim, os diferentes saberes.

A duração de cada tarefa variava de acordo com o conteúdo abordado, com o tipo de tarefa e grau de dificuldade da mesma, respeitando-se sempre, o ritmo dos alunos. Sempre que era solicitada a ajuda da professora, esta mantinha uma relação próxima com os seus alunos e dava exemplos práticos do dia-a-dia. Apelava, sistematicamente, ao respeito mútuo e ao cumprimento das regras da sala. Privilegiava o trabalho em grupo e a pares, estimulando, assim, a cooperação, a convivência e o trabalho em equipa.

2.4 – Caracterização da turma de 1º ciclo

A turma onde se realizou o estágio em 1º ciclo era constituída por 20 alunos, 10 alunos do sexo masculino e 10 do sexo feminino. As suas idades eram compreendidas entre os 8/9 anos até 31 de dezembro. Na turma existiam 5 repetentes e 4 alunos com necessidades educativas especiais, dois deles diagnosticados com PHDA. Três dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE) tinham apoio pedagógico acrescido uma vez por semana e eram acompanhados por um professor de Educação Especial (E.E.) durante 45 minutos semanais. Só um deles tinha acompanhamento psicológico uma vez por semana. A partir de Janeiro, iniciou-se no estabelecimento um programa de Mindfulness onde participaram os quatro alunos com NEE.

A nacionalidade dos alunos era maioritariamente portuguesa mas existiam alunos de outras nacionalidades, nomeadamente, Espanha, Angola, Brasil, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Dois dos alunos da turma tinham irmãos que frequentavam o mesmo estabelecimento de ensino mas estavam matriculados em turmas diferentes.

A turma era bastante regular, pois todos os alunos acompanhavam o programa do 4º ano, contudo, um dos alunos com NEE apresenta dificuldades em seguir os conteúdos, tendo por isso algumas adequações curriculares. Revelava dificuldade de concentração, inquietude e manifestava dificuldade ao nível do raciocínio.

A turma enquadrava-se num nível socioeconómico médio e médio baixo, 13 alunos beneficiavam do serviço de ação social escolar, 10 com escalão A e 3 com escalão B.

Em parceria com a professora cooperante realizou-se uma breve avaliação diagnóstica. Concluiu-se que a turma era calma e apresentava uma grande homogeneidade ao nível dos conhecimentos.

Assim sendo, no que respeita aos conhecimentos linguísticos a turma apresentava um nível satisfatório, com competências de leitura e escrita, nomeadamente, fluência de leitura, vocabulário, compreensão e construção de texto. Ao nível da matemática existia algum desequilíbrio na turma, destacavam-se 6/7 alunos que revelavam muita competência, raciocínio lógico e capacidade na resolução de problemas. Os restantes manifestavam alguma falta de interesse, pelo que não revelavam tanta capacidade. Na área das expressões a turma apresentava muita criatividade e empenho, sendo do agrado de todos as aulas de expressão plástica, dramática e motora.

Nas relações interpessoais, a turma revelava competências sociais, designadamente, respeito pelo adulto e pelos seus pares, regras de convivência, competências na resolução de conflitos, ajuda e assertividade. A relação aluno/professor e aluno/aluno era muito positiva, pois os alunos eram educados, respeitadores e mostravam em sala de aula muita partilha de conhecimentos. O trabalho de grupo e a pares proporcionava o desenvolvimento de competências sociais. Por vezes, existiam alguns conflitos no recreio mas eram resolvidos facilmente com a ajuda da professora.

De uma forma geral a turma apresentava aproveitamento escolar, os alunos eram empenhados e interessados.

O projeto de intervenção que se desenvolveu durante a Pes II em 1º ciclo foi sobre ciências experimentais e designou-se, " Experimenta e Aprende". A escolha deste tema foi baseada no interesse da turma pelas ciências experimentais. Em diálogo com a professora cooperante e na presença da turma, sugeriu-se o tema e constatou-se que foi muito bem aceite pelos alunos. A opinião da professora cooperante, também foi decisiva na escolha, uma vez que reconheceu ser uma área de grande interesse da turma mas que por falta de tempo era um pouco descurada.

Sendo um projeto de carácter mais prático, concluiu-se ser até um fator muito positivo e estimulante para uma turma de 4º ano. Assim, a escolha do projeto foi uma decisão relativamente fácil e do agrado de todos os envolvidos.

A dinamização do projeto foi sempre relacionado com os conteúdos abordados a Estudo do Meio. As temáticas abordadas pela professora cooperante eram depois alicerçadas com as ciências experimentais. A finalidade do projeto foi explicar e abordar os temas numa perspetiva experimental,

usando o método científico. Levar os alunos a pensar, a questionar, a observar, a experimentar, a relacionar e a registrar.

As ciências experimentais estão inseridas na área curricular de Estudo do Meio num bloco que se designa “À descoberta dos materiais e dos objetos”. Pretendeu-se, deste modo, uma atitude na abordagem aos conteúdos mais experimental, através do método científico.

Muitas são as finalidades do Estudo do Meio que justificaram a relevância deste bloco. Satisfazer a curiosidade dos alunos fomentando o interesse, estimular a admiração e o entusiasmo pela ciência, desenvolver capacidades de pensamento reflexivo e metacognitivo. A transversalidade da área do Estudo do Meio permitiu interligar e trabalhar o currículo de uma forma globalizante, permitindo aos alunos mobilizar os conhecimentos adquiridos em situações do dia-a-dia.

No que respeita à participação da turma no projeto de ciências experimentais foi muito positiva. Os alunos mostraram sempre muita curiosidade, empenho e vontade de experimentar e de aprender.

Lançando um olhar retrospectivo sobre o estágio em 1º ciclo, foi desafiante desenvolver o projeto em ciências experimentais. A cada proposta desenvolvida mais interessados e curiosos os alunos ficavam. Foi muito estimulante verificar o empenho deles e a vontade de querer observar e experimentar. Proporcionou, também, uma aprendizagem no respeito à dinamização das ciências experimentais, pois foram realizadas muitas experiências. Outro aspeto positivo foi tentar relacionar os conteúdos abordados com as ciências experimentais, como por exemplo, a prevenção de incêndios em casa e na rua, realizando experiências sobre a combustão, interligando, assim, as várias áreas curriculares. A preparação de aulas onde os conteúdos fossem trabalhados de uma forma interdisciplinar foi, também, uma aprendizagem a nível pedagógico e didático.

No que respeita à dinamização das aulas, foram mais dinâmicas, os alunos puderam participar, experimentar e registrar. Neste sentido, foi estimulante e enriquecedor, pois nem sempre é fácil gerir a turma com propostas de carácter prático. A relação com a professora cooperante foi um fator decisivo para a concretização do projeto e de todas as atividades realizadas. O trabalho em parceria enriqueceu a prática pedagógica enquanto estagiária e contribuiu para planear e proporcionar à turma aulas mais interativas e estimulantes. Outro aspeto positivo foi, a planificação e concretização de atividades que envolvessem trabalho de grupo e a pares. Realça-se a organização e a gestão da turma como um fator de crescimento como futura professora.

Em suma, o estágio em 1º ciclo considera-se que foi um processo de grande aprendizagem e construção pessoal, científica e pedagógica.

3 – Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida

3.1 – Escolha da temática

Para se iniciar uma investigação, independentemente, do tema, é essencial que este seja pertinente e estimulante para o investigador. Como referem Bogdan e Biklen (1994) em investigação a autodisciplina é fundamental mas sem interesse e entusiasmo pela temática a tarefa poderá tornar-se difícil de concluir.

Assim sendo, e de acordo com os autores citados anteriormente, exige-se uma matéria que seja estimulante, de carácter prático, cuja extensão e dificuldade sejam razoáveis, de modo a ser concluído dentro do prazo estipulado.

Numa investigação o objeto de estudo deve ser identificado e delimitado, tanto quanto possível. O investigador deve estabelecer um fio condutor, de modo a que o seu trabalho possa ser estruturado com coerência e clareza. Em seguida, o investigador deve formular a questão de partida que pode não ser definitiva mas deve ser clara, precisa e inequívoca, de modo a ser compreensível e pertinente (Quivy e Campenhout, 2005).

A identificação do problema representa o ponto de partida para uma investigação. Durante a prática pedagógica foram vários os temas que surgiram. Pela evidência do que foi observado em contexto de estágio e pela pertinência de algumas temáticas, a escolha foi uma decisão difícil, porém, a observação de duas crianças com PHDA que manifestavam comportamentos distintos e a familiaridade com a problemática foram fatores determinantes para a eleição do tema. Assim sendo, depois de escolhida a temática a investigar, procedeu-se à formulação da questão de partida.

Sendo a PHDA uma problemática vivida pela criança e por todos os que a rodeiam, desde pais, professores e colegas, tornou-se evidente que o ponto de partida nesta investigação fosse: PHDA - Dois estudos de caso, perspectiva de pais e professores envolvidos.

3.2 – Cronograma

O cronograma da investigação (ver apêndice I), apresenta-se em meses e semanas, refere-se ao ano letivo de 2017/2018 e revela todas as fases do processo investigativo, desde a escolha do tema até à sua entrega final.

Assim sendo, iniciou-se esta longa tarefa com a observação em contexto de estágio que decorreu desde a terceira semana de outubro até ao final de janeiro. Seguiu-se a escolha do tema que ocorreu na segunda semana de novembro e, imediatamente, iniciou-se a pesquisa sobre o mesmo até ao final da terceira semana de outubro.

Em seguida, uma maior proximidade com os dois alunos com PHDA sucedeu desde a primeira semana de dezembro até ao final de janeiro, onde se procurou uma maior proximidade com os dois

alunos com PHDA envolvidos no estudo. A reflexão sobre o comportamento dos alunos ocorreu desde a segunda semana de novembro até ao final de fevereiro. O registo das observações aos alunos com PHDA começou na segunda semana de novembro e prolongou-se até à última semana de janeiro. A escolha das técnicas e a elaboração dos instrumentos de recolha de dados começou na última semana de novembro e concluiu-se na última semana de janeiro. O tratamento de dados iniciou-se na primeira semana de junho até à segunda semana de outubro. Este constou na transcrição das entrevistas, na transcrição dos registos de observação realizados aos dois alunos com PHDA durante o estágio em 1º ciclo, na análise e interpretação dos conteúdos e na elaboração da caracterização com base no tratamento de dados.

Por último a elaboração das considerações finais aconteceu na segunda semana de outubro e a entrega do relatório final ocorreu no início de novembro.

Capítulo II – Estudo Empírico

1 – Enquadramento teórico

1.1- Definição de PHDA

A Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA), segundo a Associação Americana de Psiquiatria (APA):

(...) refere-se a uma perturbação persistente de desatenção ou falta de concentração e/ou impulsividade que se revela de modo mais intenso e grave que o habitual para indivíduos com o mesmo grau de desenvolvimento, interferindo significativamente no rendimento académico, social ou laboral (Neto, 2014,p.18).

Segundo Neto (2014) esta perturbação é classificada segundo o grupo das perturbações disruptivas do comportamento que se verificam na infância e na adolescência. A PHDA está ligada a uma disfunção ao nível dos circuitos do sistema nervoso que se traduz numa diminuição da disponibilidade de neurotransmissores, como a dopamina e a noradrenalina. Por neurotransmissores entende-se, pequenas moléculas responsáveis pela comunicação das células no sistema nervoso e são encontradas nos terminais sinápticos dos neurónios. O sistema nervoso contém numerosos neurotransmissores entre os quais a acetilcolina, a noradrenalina, a dopamina, a serotonina, etc (Doron e Parot, 2001).

Parker (2003), fala em Desordem por Défice de Atenção (DDA) que se caracteriza pelo desajustado desenvolvimento das capacidades de atenção e também, impulsividade e/ou hiperatividade.

A PHDA é também referida por outros autores como distúrbio,

(...) distúrbio do desenvolvimento caracterizado por graus desenvolvimentais inapropriados de desatenção, sobreatividade e impulsividade. Estes surgem frequentemente no início da infância, são de natureza crónica; e não são devidos a lesão neurológica, défices sensoriais, problemas de linguagem ou motores; atraso mental ou distúrbio emocional grave. Estas dificuldades estão tipicamente associadas com défices de manutenção de auto-regulação do comportamento e da manutenção de um padrão consistente de realização ao longo do tempo Lopes (citado por Carreteiro, 2016, p.200-201).

De acordo com Neto (2014), as crianças com PHDA exibem características típicas e comportamentos disruptivos como: desatenção, agitação motora e impulsividade que condicionam significativamente o seu desempenho em diversos contextos. Face às alterações comportamentais e neuropsicológicas, estas crianças tendem a apresentar dificuldades de aprendizagem, dificuldades no

relacionamento com os seus pares, problemas de ajustamento psicossocial, dificuldades em cumprir regras, atingir objetivos, problemas de imaturidade, entre outros.

Acredita-se que a PHDA “resida num défice entre o processamento da informação recebida, e a resposta produzida ou na incapacidade de inibir apropriadamente a resposta, até que toda a informação seja processada (Neto, 2014, p.18).

1.2 – Perspetiva histórica

Atualmente pensa-se que a PHDA é uma perturbação que está na moda. “No meu tempo não havia hiperativos, havia só mal-educados e cábulas” (Neto,2014,p.21).

De acordo com o autor citado anteriormente, pensa-se que o assunto não é assim tão recente, já havia relatos de comportamentos que hoje são descritos como PHDA. Segundo Neto (2014), o registo mais antigo é o de um médico alemão, Melchior Adam Weikard que em 1775 escreveu no seu livro um capítulo com o título “Attentio Volubilis” (atenção inconstante).

Em 1798 foi publicada uma obra em três volumes, por um médico escocês, na qual se encontra uma narração e interpretação “Sobre a atenção e as suas doenças”. No século XIX O alemão Heinrich Hoffmann, médico psiquiatra publicou histórias para o seu filho, e três delas ilustraram na perfeição a PHDA, “A história de Filipe Irrequieto”, “A história de João cabeça-no-ar” e “ A história de Frederico cruel” (Neto, 2014,p.21).

Em 1902 numa série de palestras George Frederic Still (citado por Neto, 2014,p.22) falou de crianças violentas, “(...) inibição à sua própria vontade, tinham dificuldades de seguir regras, eram desatentas, hiperativas, propensas a acidentes e ameaçadoras a outras crianças devido a atitudes hostis”.

É a partir do século XX que se começa a escrever sobre os sintomas da PHDA, os quais conduziram à noção de “minimal brain damage” (lesão cerebral mínima), (Neto, 2014,p.22). A partir dos anos 60, abandona-se o conceito de lesão cerebral e reconhece-se a existência de uma disfunção, surgindo o conceito de “ Síndrome Hiperativo da criança” (Cruz,2008, p. 2).

No início da década de 70 o Manual de Diagnóstico e Estatística de Saúde Mental muda o termo para “Distúrbio Hiperactivo da Infância” (Lopes, 2003, p. 30).

Durante os anos 70, surge um “desencantamento” com a incidência exclusiva sobre a hiperatividade, e é a partir daqui que se assistiu a uma explosão de estudos sobre o Défice de Hiperatividade e Défice de Atenção (DHDA) Werry e Sprague (citado por Cruz, 2008, p.3).

Segundo Lopes (1998) terão sido publicados milhares de artigos e textos científicos sobre a síndrome de hiperatividade e sobretudo, assistiu-se a uma mudança na conceção do distúrbio, deixando de ser o excesso de atividade motora o aspeto fundamental.

Segundo o autor citado anteriormente na década 80, estudos revelavam que o problema da DHDA residia na auto-regulação do comportamento, na adesão a regras, na antecipação da consequência dos atos e não na desatenção.

Douglas (citado por Cruz, 2008) verificou o extremo grau de variabilidade demonstrado por crianças hiperativas durante a realização de uma tarefa e descreveu quatro possíveis défices responsáveis pelos sintomas: "(1) Défices no investimento, organização e manutenção da atenção e esforço; (2) Incapacidade em inibir as respostas impulsivas; (3) Incapacidade em regular os níveis de actividade para fazer face às situações; (4) Uma predisposição inabitual para procurar reforço imediato". O trabalho de Douglas foi tão influente que esteve na origem da perturbação ser redefinida como, Perturbação com Déficit de Atenção (Cruz, 2008, p. 3).

Ainda Lopes (2003) refere que, na década de 80 após diversas investigações o Manual de Diagnóstico e Estatística de Saúde Mental (DSM-III) alterou o termo para Distúrbio do Déficit de Atenção e apresentou progressos relativamente a edições anteriores, no que diz respeito ao estabelecimento de um referencial etário de início do distúrbio, de duração dos sintomas e de critérios de exclusão.

Na década de 90 o DSM-IV denominou o distúrbio como, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. A partir de 1990, reconheceu-se que esta perturbação não existe só em crianças mas consiste numa doença crónica que persiste até à idade adulta.

Do ponto de vista terapêutico, Costa (2010) diz que na década de 30, Bradley descobriu a ação de medicamentos psicostimulantes na redução da irrequietude e hiperatividade e na década de 40 surge o metilfenidato, conhecido atualmente como a substância mais eficaz no tratamento da PHDA.

Em Portugal, no século XX até final dos anos 80, a origem das perturbações comportamentais das crianças, atribuíam-se a relações familiares precoces alteradas e o tratamento passava essencialmente, por alterar essas relações (Neto,2014).

Segundo o mesmo autor, em Portugal a grande alteração dá-se em 1996, com a divulgação na comunidade médica desta patologia nas Primeiras Jornadas de Neurologia Pediátrica. Seguiu-se o alargamento das consultas de Pediatria do Desenvolvimento nos hospitais estatais e fora deles por todo o país.

2- Etiologia

A PHDA é a perturbação neuro comportamental com maior frequência na criança, cujas causas se devem as diferentes fatores. Pensa-se que resulta de:

Uma interação complexa de fatores genéticos/hereditários, neurológicos e ambientais. Esta complexidade resulta de uma grande variabilidade na expressão dos sintomas e na idade em que são reconhecidos, bem como na severidade, comorbilidades (patologias associadas), evolução, e resposta ao tratamento (Neto, 2014, p.26).

O autor citado anteriormente refere ainda que 25% das crianças com PHDA têm um familiar próximo com o mesmo diagnóstico. Verificando-se um risco aumentado entre irmãos (30-40%). Segundo Neto (2014) foram identificados vários genes implicados na PHDA, entre eles:

- . Genes de recetores da dopamina (neurotransmissor monoaminérgico);
- . Gene do transportador da dopamina;
- . Genes de transportadores da serotonina (neurotransmissor);
- . Gene do recetor 1B da serotonina;
- . Gene da beta-hidroxilase da dopamina;
- . Gene da proteína associada ao sinaptossoma (terminal sináptico isolado de um neurónio);
- . Genes de recetores metabotrópicos do glutamato (neurotransmissor).

Outros autores afirmam que a etiologia da PHDA não é totalmente conhecida, embora se reconheça que é de origem multifatorial. As investigações realizadas neste âmbito apontam para disfunções neurológicas evidentes, assim como fatores de ordem genética e hereditária, cujas causas se devem a disfunções dos neurotransmissores, dopamina e norepinefrina Gizer, Ficks, e Waldman (citado por Oliveira, Pereira, Medeiros & Serrano, 2015).

Segundo Neto (2014) e Lopes (2003) vários estudos de neuroimagem funcional demonstraram que as crianças com PHDA têm uma redução da atividade cerebral global em comparação com outras sem PHDA. A Ressonância Magnética evidenciou que crianças com esta perturbação não apresentam uma assimetria dos núcleos caudados, apresentam um menor volume cerebral e do cerebelo, menor dimensão de certas partes do corpo caloso e um aumento do volume da substância cinzenta do córtex temporal posterior e parietal inferior. As diferenças são ainda observadas nas áreas cerebrais anteriores, incluindo um menor volume do córtex pré-frontal e frontal.

O papel fundamental das vias da dopamina, da norodrenalina e da serotonina indicam que a redução destas vias causa uma deficiente ativação do córtex pré-frontal responsável pela atenção, organização, planeamento, motivação, cognição e atividade motora. Esta deficiência resulta num défice na atenção, na inibição dos impulsos e nas funções executivas.

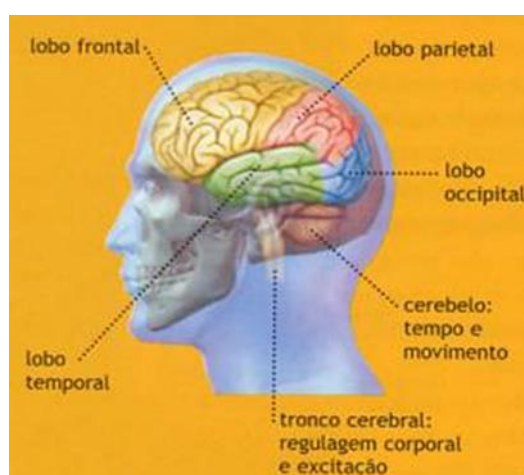


Figura 1 – Anatomia do Cérebro

Fonte: <https://www.google.pt/search?dcr=0&biw=1339&bih=645&tbn=isch&sa=1&ei=OsIsWrmK8PwUJScq7AM&q=imagem+do+cerebro+lobos+frontais&oq=imagem+do+>

Como afirma Silva (citado por Costa, 2010) os exames de neuroimagem apresentam uma alteração na estrutura cerebral de crianças com PHDA. Estes exames consistem em tomografias (TAC) que visualizam a estrutura e as atividades das regiões cerebrais em determinado momento. Sendo o lobo frontal responsável pela ação reguladora do comportamento do ser humano, pois exerce uma ação reguladora do seu comportamento, podemos avaliar que o seu hipofuncionamento está relacionado com as alterações funcionais da PHDA.

De acordo com Neto (2014) e Cruz (2008) existem fatores pré-natais e pós-natais que estão interligados com esta perturbação. A exposição pré-natal ao tabaco, álcool e tranquilizantes tem sido associada ao desenvolvimento de PHDA, bem como prematuridade e o baixo peso. As infecções do sistema nervoso central e os traumatismos graves são alguns dos fatores que influenciam o desenvolvimento normal da criança.

Oliveira, Pereira, Medeiros e Serrano (2015) refere que diversos estudos demonstram que ocorrências durante a gravidez podem aumentar a probabilidade da PHDA, assim como fatores de risco biológico (não genético) como: os aditivos alimentares, as intolerâncias e alergias alimentares, exposição a metais e toxinas, exposição ao tabaco e álcool, a prematuridade, o baixo peso ao nascer, as infecções do sistema nervoso central e os traumatismos cranianos graves.

Benczik (citado por Costa, 2010) também afirma que alguns estudos mostram que, mulheres que tiveram problemas de parto tinham mais hipóteses de ter filhos com PHDA.

Foram identificados fatores ambientes sociofamiliares relacionados, frequentemente, à PHDA como: contextos complexos de meios socioeconómicos baixos, de pais com baixo grau académico, prática de maus tratos e relações negativas mãe/filho., embora nenhum destes fatores seja a causa definitiva (Fonseca, 2017).

Neto (2014) também aponta fatores familiares e socioculturais ligados a esta perturbação. O ambiente familiar conflituoso, pouco estruturado, o baixo nível sociocultural, as perturbações psíquicas e o abuso de substâncias nos prestadores de cuidados, podem propiciar o desenvolvimento de PHDA nas crianças. Cruz (2008) menciona também, que os comportamentos que a criança hiperativa manifesta são consequência de um ambiente familiar de stress.

Richman et al. (citado por Cruz, 2008) afirmaram que as mães de crianças com problemas de comportamento eram mais jovens, tinham um baixo nível intelectual revelavam mais sintomas de problemas físicos e psicológicos do que as mães cujos filhos não apresentavam problemas de comportamento.

Godman e Stevenson (citado por Cruz, 2008) avaliaram a hereditariedade da hiperatividade entre 127 pares de gémeos monozigóticos e 111 pares de gémeos dizigóticos. A concordância para o diagnóstico da hiperatividade foi estabelecida em 51% nos gémeos monozigóticos e 33% nos pares dizigóticos. Os autores realçam que a hereditariedade para os traços da hiperatividade se situa entre 30% a 50%, indicando desta forma que os fatores genéticos têm um papel significativo na perturbação.

3 – Sintomatologia

De acordo com o DMS IV, “a característica principal do transtorno de Hiperatividade e Déficit de Atenção é um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade mais severo do que aquele tipicamente observado em indivíduos em nível equivalente de desenvolvimento” (Costa, 2010,p.12).

Como afirma Oliveira et al. (2015) a DMS-IV, anuncia que esta perturbação deve ser incluída na seção referente às perturbações que aparecem habitualmente na primeira, na segunda infância ou na adolescência. Já a DSM-V enquadra a PHDA nas perturbações do neurodesenvolvimento. Esta mudança de paradigma é salientada após muitos anos de pesquisa, onde se reuniram evidências sobre o caráter permanente da PHDA ao longo do desenvolvimento.

Do ponto de vista clínico, Costa (2010) afirma que os sintomas que caracterizam a PHDA são características fulcrais que afetam o desempenho acadêmico, a convivência a nível familiar e social, o ajustamento psicossocial e ainda a vida profissional. Barkley (citado por Serrano e at. 2015) partilha a mesma ideia e refere-se às crianças com PHDA como, sérios candidatos a apresentarem problemas de ordem académica, social e comportamental que poderão se manter na idade adulta.

Na seção dada às características diagnósticas, o DMS-V refere-se à hiperatividade/impulsividade e desatenção distinguindo, os vários tipos.

O tipo predominantemente desatento

Desde o 1º Ciclo de escolaridade são exigido às crianças tarefas onde necessitam de estar concentradas em períodos de tempo consideráveis. As crianças com PHDA não conseguem manter a concentração durante esses períodos. Distraem-se facilmente e não finalizam as tarefas no mesmo tempo que os colegas. Apresentam um nível de inteligência normal mas necessitam da supervisão do adulto para as finalizar. Douglas (citado por Matos, 2013) considera que a capacidade de processamento destas crianças está intacto, residindo o problema na autorregulação cognitiva e comportamental.

Na concretização das atividades propostas, uns dias completam os trabalhos dentro do tempo estabelecido, enquanto noutros desinteressam-se e não os concretizam. Esquecem-se, frequentemente, de executar tarefas como: dar recados, fazer tarefas do dia-a-dia ou até cumprir ordens mais complexas. Apresentam desorganização e dada a falta de concentração é frequente quererem mudar constantemente de tarefas.

Segundo Matos (2013) as crianças com PHDA do tipo desatento são naturalmente mais positivas e tímidas nas relações sociais, impedindo-as de tomarem a iniciativa. Precisam de estímulos para concretizar as suas atividades e também de socializar com novos amigos.

Tipo predominantemente hiperativo-impulsivo

De acordo com o autor em cima mencionado, a hiperatividade pode ser motora, verbal ou cognitiva. As crianças com hiperatividade têm uma fonte inesgotável de energia. Mexem constantemente as mãos e os pés, enrolam os dedos na roupa, as pernas estão em constante movimento de baixo da mesa e roem as unhas. Nas atividades físicas apesar de serem atividades em que acontece movimento, também têm dificuldades, pois não seguem as regras habituais. “(...) na PHDA a atividade é quase incontrolada e incontrolável (...) (Neto, 2014, p.37).

Neto (2014) refere que as crianças entram em conflito rapidamente. Falam excessivamente e exibem um discurso rápido e pouco perceptível. A agitação motora vai diminuindo a partir da segunda década de vida e na adolescência é substituída por sentimentos de inquietude e dificuldade em se interessarem por atividades mais sedentárias.

A impaciência reflete-se na incapacidade que a criança tem em usar o senso temporal para guiar o seu comportamento.

A impulsividade é também sinónimo de dificuldade de autocontrolo. As crianças e adolescentes com PHDA têm dificuldade em esperar pela sua vez, seja numa fila ou numa brincadeira, intrometem-se, interrompem as conversas e atividades dos outros. Têm também tendência em, antecipar respostas, tomam atitudes repentinas, inesperadas e fora de contexto. Apresentam-se como teimosas, com baixa tolerância à frustração e manifestam instabilidade do humor (Cruz,2008).

Barkley (citado por Lopes, 2003, p. 83) afirma que “crianças hiperativas são crianças impulsivas”, podendo-se assim, aglutinar estes dois termos e falar em “desinibição comportamental”. Sendo esta a “imagem de marca” da PHDA.

Tipo misto ou combinado

Segundo Neto (2014) as crianças com PHDA que apresentam características do tipo hiperativo/impulsivo e do tipo predominantemente desatento, manifestam défice de atenção e hiperatividade-impulsividade. Estes casos são os mais problemáticos, afetam tanto o comportamento como a aprendizagem e originam grandes problemas a nível familiar. As crianças e adolescentes com este subtipo de PHDA tem um risco acrescido para desenvolverem comportamentos de risco, tendo maior dificuldade em se ajustarem socialmente.

O índice de gravidade interfere com o funcionamento e quotidiano das crianças. De acordo com Cruz (2008) a PHDA pode ser ligeira, moderada ou grave. Estas manifestações podem ter níveis de disfunção diferentes em vários contextos.

Ligeira: Poucos ou nenhuns sintomas além dos exigidos para o estabelecimento do diagnóstico e um défice mínimo no funcionamento social e escolar.

Moderada: Sintomas ou dificuldades funcionais intermédias entre o ligeiro e o grave.

Grave: Muitos sintomas para além dos necessários exigidos para estabelecer o diagnóstico e dificuldades funcionais significativas em casa, na escola e com os colegas.

3.1 – Implicações na escola

Segundo Neto (2014) os desafios comportamentais e de aprendizagem são mais visíveis na escola, e é aqui que eles causam maior impacto. As manifestações de PHDA iniciam-se desde o pré-escolar, por volta dos 3, 4 anos, embora o seu diagnóstico deva ser realizado em idade escolar. É no 1º Ciclo de escolaridade que é exigido às crianças uma grande capacidade de adaptação. No caso de crianças com o transtorno, os desafios apresentam-se ainda maiores.

O diagnóstico de PHDA baseia-se em critérios comportamentais. Segundo as orientações da Associação Americana de Psiquiatria (APA), podem utilizar-se critérios estabelecidos no manual DMS-V. A classificação divide os sintomas da PHDA em dois grandes grupos: falta de atenção e hiperatividade/impulsividade. Os sintomas devem perdurar no mínimo durante 6 meses e têm que estar presentes antes dos 12 anos de idade.

Desatenção

- . Não há atenção aos pormenores ou comete erros por desatenção, nas tarefas escolares, trabalho ou atividades lúdicas;
- . Dificuldade em manter a atenção em atividades ou tarefas;
- . Parece não ouvir quando se lhe dirigem diretamente;
- . Não segue instruções e não termina tarefas (não devido a comportamento de oposição ou por não compreender as instruções);
- . Dificuldade em organizar tarefas e atividade;
- . Não gosta ou evita iniciar tarefas que requerem concentração;
- . Perde facilmente material necessário a tarefas ou atividades que terá de realizar (material escolar, livros, brinquedos);
- . Distrai-se facilmente com estímulos extrínsecos irrelevantes;
- . Esquece-se com facilidade das tarefas diárias.

Hiperatividade/Impulsividade

- . Mexe excessivamente mãos e pés ou permanece irrequieto na cadeira, quando sentado;
- . Não se mantém sentado quando deve;
- . Corre e trepa excessivamente em situações em que é inapropriado fazê-lo;
- . Dificuldade em dedicar-se a atividades de forma calma;
- . Sempre pronto a mudar, age como se estivesse ligado à eletricidade;
- . Fala demasiado (verborreia);
- . Precipita respostas antes que as perguntas tenham sido completadas;
- . Dificuldade em esperar pela sua vez;
- . Interrompe ou perturba os outros, interferindo nas suas atividades (Ribeiro, sd).

O tempo nos recreios constitui para estas crianças momentos menos estruturados que podem ser difíceis de gerir. O cumprimento das regras sociais, contrárias à natureza destas crianças dificultam o relacionamento com os seus pares. A dificuldade em ouvir os colegas e respeitar as ideias dos outros são fatores que impedem a interação social, podendo existir agressão durante as brincadeiras (Neto, 2014).

Parker (2003) aborda o impacto da PHDA na adolescência e afirma que é ainda maior. Os adolescentes para além de sofrerem todas as alterações próprias desta fase, têm ainda de enfrentar maiores desafios. As funções executivas ficam mais fragilizadas, causando maior impacto ao nível do desempenho escolar. Nesta fase na maioria dos casos a atividade motora diminuí e passa a dominar a impaciência, a baixa resistência à frustração e menor capacidade para enfrentar obstáculos. Apresentam-se ainda dificuldades ao nível da organização e no planeamento do tempo, métodos de estudo deficitários, dificuldade em se ajustarem a vários professores com métodos de trabalho diferentes e uma maior tendência para se envolverem em situações de risco.

3.2 – Intervenção Farmacológica

“A utilização de um fármaco permite uma melhoria no comportamento, no rendimento escolar e no ajustamento social numa percentagem entre 70% e 90% das crianças tratadas e que 10% a 30% das crianças não tem qualquer benefício (Lopes, 2003,p.241). No entanto, a resposta ao tratamento depende de outros fatores, pelo que a medicação por si só não é solução. Neto (2016) refere a importância de uma intervenção cognitivo-comportamental, apoio psicopedagógico e a articulação de outras vertentes.

A intervenção assenta em dois pilares: a terapêutica e os apoios psicológico e/ou pedagógico adequados. A medicação oferece um efeito mais imediato e uma eficácia a curto prazo, mas, é necessário que as medidas pedagógicas ajustadas a cada criança sejam postas em prática para aproveitar o tempo de concentração que o medicamento proporciona (Neto, 2016).

Os Psicostimulantes com ação no sistema nervoso central constituem a base do tratamento farmacológico, entre eles o metilfenidato que corrige o menor funcionamento dos neurotransmissores e melhoram as funções alteradas (Lopes, 1998).

No entanto Parker (2003), refere que estes fármacos podem melhorar o comportamento do aluno em sala de aula e a produtividade, porém, alguns estudos indicam que a aprendizagem não melhora com os psicostimulantes. Os progressos na aprendizagem requerem outras intervenções pedopsicológicas com estratégias determinadas no Plano Educativo Individual (PEI).

Existem ainda, medicamentos como a clonidina que têm um efeito considerável em crianças que apresentam níveis elevados de atividade motora, impulsividade e agressão, contudo, não se verificam melhorias ao nível da concentração (Lopes, 1998).

3.3– Gestão da Hiperatividade em Sala de aula

As crianças hiperativas podem facilmente perturbar uma sala de aula com comportamentos desajustados. Neste sentido, considera-se importante abordar este tópico para se compreender melhor as técnicas básicas de gestão de aula.

A hiperatividade em sala de aula deve ser considerada como uma situação problemática, que não se resolve de forma fácil e que, provavelmente, perdurará no tempo. As crianças hiperativas necessitam de múltiplas intervenções, Lopes (2003) alerta para a necessidade dos professores prepararem um plano de ação consistente, que deve ser ativado sempre que necessário. Realça ainda a diferença específica entre a forma de lidar com comportamentos problemáticos e com a realização acadêmica de crianças hiperativas. Os comportamentos são algo que o professor vigia e relembra, a concretização de tarefas escolares exige ensino direto e sistematicamente monitorizado, uma vez que incide sobre algo que a criança ainda não sabe.

De acordo com Smith, Patton e Dowdy (citado por Cruz, 2008) existem pressupostos relacionados com a gestão da sala de aula que devem ser considerados quando o professor lida com crianças com PHDA.

Os autores citados anteriormente afirmam que, a gestão da sala de aula é uma parte integral do ensino, e sem uma gestão adequada, o ensino não será eficaz. O segundo pressuposto é que, os professores devem saber lidar com problemas do comportamento, devendo por isso dominar as técnicas, que não são mais que métodos que podem ser eficazes em gerir o ambiente e melhorar a aprendizagem dos alunos. Terceiro, cada professor adota a sua própria forma de gerir a sua sala de aula, deve mostrar flexibilidade no uso de técnicas de gestão com os alunos, incluindo os alunos com PHDA. Por último, o quarto pressuposto é que os professores, por vezes estão tão embrenhados em lidar com os problemas do dia-a-dia que se esquecem de refletir sobre a própria gestão da aula. O professor deve por isso ter, antecipadamente, um sistema de gestão de situações já pensado, em vez de apenas reagir no momento em que essas situações ocorrem.

A gestão de sala de aula é a combinação de técnicas que resultam num ambiente de sala “metódico em que pode ocorrer o crescimento escolar e social”. Este conjunto de técnicas incluem a gestão do grupo, a gestão do espaço físico e a gestão do comportamento. Estas técnicas envolvem “estabelecer regras e consequências na sala de aula, estruturar planos de trabalho, agrupar os alunos e oferecer incentivos especiais à turma Followay e al. (citado por Cruz, 2008, p. 53).

As regras são importantes e devem refletir aquilo que se pode fazer e o que não se pode fazer dentro da sala de aula. Smith e al. (citado por Cruz, 2008, p. 54) apresentam as seguintes orientações:

- . As regras devem exprimir declarações positivas. Por exemplo: “ Permanecer no lugar” em vez de “ Não saias do lugar”;

- . Devem exprimir declarações simples acompanhadas de desenhos;

- . As regras devem ser afixadas em mais que um lugar na sala de aula;

- . No início do ano, os professores devem recordar mais que uma vez as regras aos alunos;

- . As regras devem ser cumpridas;

- . Os alunos devem ser reforçados positivamente pelo cumprimento das regras;

- . Os professores devem ser consistentes na aplicação das regras;
- . As regras devem ser comunicadas aos pais também.

Pfiffner e O'Leary (citado por Lopes, 2003) concorda com estes aspetos e alerta para o fato dos reforços positivos serem importantes, porém, a sua exclusiva utilização pode por vezes desviar a atenção da criança. Sendo por isso, sugerido quando necessário, o uso de reprimendas para orientar a criança para o trabalho e responsabilizá-la pelo produto da sua ação. Outro tópico importante é o fato da recompensa dada à criança ser com atividades que ela goste e não com objetos concretos. Sendo aconselhável usar a recompensa de forma moderada.

Clements (citado por Cruz, 2008) reforça a ideia que os reforços positivos devem ser recompensas sociais como: elogiar a criança, responsabilizá-la e tratá-la afetuosamente.

Pfiffner e O'Leary (citado por Cruz, 2008) referem que o uso de reforços positivos com crianças com PHDA são, raramente eficazes em manter comportamentos adequados, a nível social e escolar. Destacam assim, o uso de castigos médios (ficar fora da tarefa escolar), como mais eficazes em promover uma mudança de comportamento. Para além das reprimendas e da reorientação verbal, os castigos que envolvam perda ou retirada de privilégios, pontos ou prémios a seguir ao comportamento desatento e disruptivo mostraram-se mais úteis quando combinados com o reforço.

DuPal et al. (citado por Cruz, 2008) afirmam que a utilização do reforço através dos pontos aumenta os níveis de comportamento na tarefa, a produtividade do trabalho escolar e a precisão escolar de crianças com hiperatividade.

Cruz (2008) menciona o time-out ou tempo de isolamento mais útil. O professor deve restringir o reforço positivo à criança e retirá-la do ambiente de sala de aula. Este deve ser implementado a seguir à infração das regras e deve ser aplicado em quantidades de tempo pequenas (1 a 5 minutos).

DeRisi e Butz (citado por Cruz, 2008) mencionam a negociação de um acordo contratual entre o professor e o aluno como uma técnica de gestão do comportamento. Professor e aluno concordam com as condições do contrato e negociam, especificando os objetivos escolares e de comportamento a atingir, assim como os prémios, reforços positivos ou recompensas por atingir esses mesmos objetivos. Estes contratos têm grande importância porque responsabilizam a criança pelo seu rendimento escolar. Devem começar com a exigência de comportamentos simples e complexificar gradualmente, as tarefas e os comportamentos exigidos.

Os métodos cognitivo-comportamentais baseiam-se na teoria da aprendizagem social que dá grande ênfase à mediação social. Barkley (citado por Cruz, 2008) referencia que os objetivos do tratamento das crianças com PHDA consiste em capacitar o aluno a desenvolver níveis adequados de autocontrole. As intervenções de autogestão para os problemas de hiperatividade contemplam a automonitorização, o autoreforço e/ou a autoinstrução. A automonitorização ensina a criança a observar-se a si própria e a registar a ocorrência de comportamentos menos próprios. O autoreforço exige à criança hiperativa que não só verifique o seu comportamento, como também avalie e reforce a sua própria performance. A autoinstrução consiste numa série de etapas para ajudar o aluno a parar, olhar e escutar.

A gestão do tempo é uma componente fundamental na gestão da sala de aula, Gallagher (citado por Cruz, 2008) destaca algumas considerações:

- . Proporcionar aos alunos planos diários;
- . Alterar tarefas mais fáceis com tarefas mais difíceis;
- . Planear o trabalho de modo a ser concluído ao fim do dia ou do período;
- . Planear com algum tempo flexível;
- . Pedir aos alunos para concluírem uma tarefa antes de começar outra;
- . Recordar aos alunos o tempo (quanto tempo passou e quanto tempo falta);
- . Planear o tempo tendo em conta as necessidades dos alunos;
- . Estabelecer expectativas aos alunos sem exigências inesperadas;
- . Proporcionar feedback aos alunos sobre a realização do trabalho escolar.

É de lembrar que, embora os planos diários sejam essenciais, por vezes são alterados. De qualquer forma, o professor deve proporcionar uma sequência de tarefas, pois os alunos com hiperatividade gostam de saber o que vão fazer a seguir.

A forma como os alunos estão agrupados é outro aspeto importante e pode ter um impacto na capacidade de gestão da aula. Sendo que, o professor deve agrupar os alunos com dificuldades comportamentais com outros que não têm problemas (Cruz, 2008).

O autor citado anteriormente refere a gestão do espaço físico como outro aspeto fundamental na gestão da sala de aula. Este consiste não só na dimensão da sala, mas também a forma como está organizada, a localização dos materiais, a decoração, a forma como permite a circulação do professor e dos próprios alunos. Os alunos hiperativos são os que, normalmente, perturbam mais as aulas, o professor deve organizar as mesas para que beneficiem de um espaço pessoal. A disposição das mesas em pequenos grupos pode ajudar a eliminar alguns problemas.

3.4 – Enquadramento legal dos apoios escolares

Neste tópico aborda-se o enquadramento legal dos apoios escolares dos dois alunos com PHDA envolvidos no estudo.

Ambos foram abrangidos pelo Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro e beneficiarem de medidas educativas específicas, considerou-se deste modo pertinente, referir em que consiste esta lei que estabelece essas medidas.

Segundo o Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro, “a educação especial tem por objetivos a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional...”.

Em 1994, após a Declaração de Salamanca, abordou cada vez mais a ideia de escola inclusiva, que fosse capaz de dar as mesmas oportunidades a todas as crianças e acolhê-los de igual forma. Esta dimensão social foi reconhecida por todos os profissionais de educação, teve o apoio da comunidade científica e dos pais.

Como refere o Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro, “ A Educação Inclusiva visa a equidade educativa, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados”.

Nesta linha de atuação, o sistema e as práticas educativas devem ter em conta a gestão da diversidade, adotando medidas e estratégias que permitam responder às necessidades dos alunos. Desta forma, a escola inclusiva antevê a necessidade de individualização e personalização das estratégias educativas, com vista a promover as competências universais que permitam autonomia e o acesso a uma cidadania para todos.

Todos os alunos têm necessidades educativas mas, existem casos em que os apoios especializados têm como objetivo responder às especificidades de cada criança. Estes apoios especializados implicam a adoção de medidas, estratégias, recursos, procedimentos, instrumentos e tecnologias de apoio.

Assim, quando a criança é referenciada inicia-se o processo de avaliação. Em seguida, é efetuado um relatório técnico-pedagógico onde constam os resultados da avaliação, obtidos por referência à Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde que é parte integrante do processo do aluno. Depois é elaborado um PEI, onde constam as necessidades educativas especiais da criança ou jovem. O PEI integra o processo do aluno. Neste documento é documentado as medidas educativas adotadas, nomeadamente as adequações no processo de ensino e aprendizagem.

4 – Objeto de estudo

A identificação do problema representa o ponto de partida para a investigação. Inicialmente, identifica-se a problemática, seguindo-se a observação, a pesquisa e a reflexão acerca da investigação realizada.

Posteriormente, após muita ponderação, surge o tema da investigação. A partir deste momento, começa-se a formular questões de partida, às quais se quer dar resposta. Esta fase é um pouco conturbada do ponto de vista do investigador, pois podem surgir uma ou mais questões. O investigador deve formular, uma só questão, e que seja possível ver respondida dentro do contexto onde se encontra. A pergunta deve ser pertinente e clara.

Escolha um assunto cuja dimensão e dificuldade lhe pareçam razoáveis, a fim de que este possa ser concluído com as fontes existentes e dentro do prazo previsto. Leve também em conta as suas capacidades, as quais, nesta fase, ainda não foram nem puderam ser desenvolvidas (Bogdan & Biklen, 1994 p. 86).

O tema que se pretendeu investigar não esteve relacionado com o projeto de intervenção, porém, foi identificado em contexto de estágio. Como se refere anteriormente, o interesse pessoal pelo tema e o fato de existirem duas crianças diagnosticadas com PHDA foram motivos óbvios para o início do estudo. A vontade de pesquisar e de aprofundar a temática motivou a escolha do tema. De acordo com a motivação para o tema, procedeu-se a uma primeira pesquisa sobre os sujeitos envolvidos, no qual a professora titular foi uma mais-valia nesta fase.

Este transtorno afeta muitas crianças e jovens e o contexto escolar constitui uma das principais fontes de preocupação. A falta de atenção constante, a instabilidade motora, a impulsividade e irritabilidade, as dificuldades que apresentam nas áreas curriculares foram observações que suscitaram imediato interesse.

(...) estas crianças podem apresentar problemas de indisciplina, por incumprimento ou infração das normas estabelecidas; desinibição; na sua relação com os adultos; problemas de relacionamento social, podendo ficar isoladas no grupo de pares; com frequência mostram défices cognitivos e na linguagem, bem como nas aptidões motoras, evidenciando ainda défices de autoestima e condutas antissociais (Carreteiro, 2016, p. 18).

“A Associação Americana de Psiquiatria (APA) salienta, entre outros, a falta de autoestima, a instabilidade e fragilidade emocionais, a escassa tolerância à frustração e o insucesso escolar” (Carreteiro, 2016, p. 19).

A insegurança e incerteza dos pais das duas crianças diagnosticadas com PHDA envolvidas na investigação, a dificuldade e algum desconhecimento em lidar com o problema foram fatores que desencadearam a pergunta de partida para este estudo. PHDA - A perspectiva de todos aqueles que trabalham e vivem com as crianças envolvidas na investigação.

O estudo focou a sua atenção nas duas crianças observadas em sala de aula e também, no olhar dos pais e professores sobre a problemática. Todos os contributos dados por estes intervenientes consideraram-se fundamentais durante o processo investigativo.

Os registos elaborados durante a observação e a realização das entrevistas foi norteado por um conjunto de deveres, normas e princípios que vão ao encontro do respeito e proteção da privacidade dos sujeitos envolvidos.

As duas crianças envolvidas na amostra estão integrados numa escola da função pública e frequentaram o 4º ano do 1º ciclo de escolaridade numa freguesia da Amadora.

4.1. Objetivos do estudo

A definição dos objetivos de trabalho são fundamentais na produção das investigações. Sendo a PHDA um transtorno que afeta muitas crianças e a grande maioria dos estudos realizados neste âmbito, apenas consideram a perspectiva dos professores sobre o tema, foi por isso imprescindível, compreender e investigar o comportamento dos dois alunos com PHDA em sala de aula, como também conhecer a perspectiva dos professores e também dos pais dos alunos envolvidos no estudo.

Desta forma, foram considerados vários objetivos neste estudo.

Objetivos gerais:

. Conhecer a perspectiva de pais e professores dos dois alunos com PHDA envolvidos na investigação.

Objetivos específicos:

- . Observar e interagir com as crianças envolvidas na investigação;
- . Observar a interação das duas crianças com PHDA envolvidas no estudo em contexto de sala de aula e com os seus pares;
- . Contribuir para o aprofundamento de conhecimentos teóricos sobre a temática da PHDA;
- . Conhecer a opinião da professora titular sobre o comportamento, relacionamento com os seus pares, dificuldades de aprendizagem e ambiente familiar dos dois alunos com PHDA envolvidos na investigação;
- . Conhecer as estratégias da professora no processo ensino-aprendizagem com as duas crianças com PHDA envolvidas na investigação;
- . Conhecer o relacionamento, o comportamento e o tipo de intervenção que o professor de EE fez com os alunos com PHDA envolvidos no estudo;
- . Conhecer a opinião dos pais, sobre o comportamento dos dois alunos com PHDA em ambiente familiar e conhecer as dificuldades sentidas e vividas pelos pais.

4.2 – Metodologia

Os métodos de investigação não são mais do que, procedimentos que utilizamos para recolha de dados, ou seja de informação pertinente para um estudo científico. Numa investigação no campo das ciências Sociais e das Ciências da Educação, em particular, existem duas grandes metodologias. Uma metodologia quantitativa e uma metodologia qualitativa.

Esta investigação baseou-se numa metodologia qualitativa que se alicerça em experiências de vida e relações de proximidade entre investigador e sujeitos observados.

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta investigação tiveram como principal finalidade observar duas crianças com PHDA em contexto de aula e conhecer a perspetiva dos pais e professores envolvidos com as duas crianças com PHDA.

Considerou-se assim pertinente, entender o comportamento destes alunos na sala de aula e em casa, as dificuldades sentidas a nível da aprendizagem e as estratégias utilizadas em sala de aula pelo professor titular e pelo professor de EE.

O estudo exploratório que se desenvolveu foi de natureza qualitativa naturalista e enquadrou-se no estudo de caso.

Na abordagem qualitativa a investigação pressupõe uma aproximação ao objeto de estudo. De acordo com Bodgan e Biklen (1994) este tipo de investigação pressupõe um contacto com os indivíduos nos seus contextos naturais. O tipo de dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos relativos a pessoas, locais ou conversas.

Em educação, a investigação qualitativa é frequentemente designada por naturalista, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais

está interessado, incidindo os dados nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar, comer, etc. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 17).

Segundo os autores citados anteriormente, o objetivo do investigador é normalmente o de conhecer e compreender o que professores, diretores e alunos pensam. O investigador introduz-se no contexto das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, interagir com elas, ganhar a sua confiança para poder elaborar um registo escrito e sistemático do que vê e ouve.

Aires (2015) refere ainda que os investigadores qualitativos não estão limitados por categorias de medida ou de resposta, realizam a sua pesquisa de uma forma mais livre e flexível.

De acordo com Merriam (citado por Bogdan e Biklen, 1994) o estudo de caso é um instrumento de investigação que consiste numa análise mais detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma fonte de documentos ou de um acontecimento específico.

Como referem Bogdan e Biklen (1994) neste tipo de investigação, inicialmente, identificam-se as evidências que nos levam à necessidade de observar e recolher dados, revendo-os e explorando-os de acordo com o objetivo do trabalho.

Neste estudo de caso observaram-se duas crianças com PHDA em contexto de sala de aula, as quais foram identificadas pelas iniciais R e L.

5 – Técnicas de recolha de dados utilizados

5.1 – Observação participante

Durante o processo investigativo utilizaram-se várias técnicas de recolha de dados: a observação participante, o diário de bordo, a entrevista semiestruturada e a análise documental, designadamente, os planos educativos individuais (PEI), dos respetivos alunos envolvidos no estudo.

De acordo Bogdan & Biklen (1994), a observação participante baseia-se na recolha de dados que consistem nos relatos escritos detalhados sobre o que o investigador vê, ouve, experiencia e pensa. Os registos são de natureza muito descritiva, com datas e horas concretas e relatam o comportamento dos alunos em sala de aula. Neste tipo de estudo de observação participante o investigador leva algum tempo até ser aceite pelos sujeitos envolvidos e, gradualmente à medida que as relações evoluem, vai evoluindo também, a própria participação do investigador (Bogdan & Biklen, 1994).

A observação efetuada durante o presente estudo aos dois alunos com PHDA, ocorreu numa escola pública no concelho da Amadora, numa turma do 4º ano de escolaridade.

A observação desenvolveu-se durante o estágio em 1º ciclo e iniciou-se na 3ª semana de outubro de 2017 até ao final de janeiro de 2018.

As observações realizaram-se, diariamente, durante o período das aulas das 9h/12h30 e/ou das 14h30/16h.

A recolha de dados foi efetuada de forma dinâmica e rigorosa durante a observação, tendo sido recolhidos registos em quase todos os dias. Estes registos foram elaborados na forma de um diário de bordo. Destaca-se a importância desta técnica, como fundamental durante o processo investigativo, no qual constaram o registo das observações realizadas, das reflexões e das conversas informais com os alunos envolvidos na investigação. Os registos eram feitos, sempre que sucedia algo pertinente para a investigação e podiam ocorrer por períodos mais curtos (entre 5 a 15 minutos) ou por períodos mais longos (entre 1/2h). A particularidade dos comportamentos observados, a sua repetição durante períodos longos ou até conversas relevantes eram registados.

5.2 – Análise documental

Quanto à análise documental, particularmente, a análise de documentos pessoais dos alunos (PEI) e outros relatórios médicos, revelaram-se uma técnica fundamental para compreender o historial familiar e clínico dos dois alunos, bem como as necessidades específicas de cada um relativamente ao processo de ensino e de aprendizagem.

A análise documental feita nesta investigação foi baseada nos relatórios médicos, relatórios circunstanciados e no PEI dos dois alunos envolvidos no estudo. Uma vez que não foi autorizada a sua cópia, foi transcrita à mão na sala de aula onde decorreu o estágio, com autorização da professora cooperante, da coordenadora e dos pais. Estes documentos foram escritos na íntegra e constituíram fontes importantes para o estudo, porém, não serão anexados no relatório por não se tratarem de documentos originais.

5.3 - A entrevista

A entrevista foi igualmente, uma técnica crucial neste trabalho investigativo. Para obter os dados necessários foram elaborados três guiões de entrevista (previamente estabelecidos), direcionados ao: docente titular de turma, ao docente de EE e aos pais dos alunos envolvidos no estudo.

O guião da entrevista constituiu um instrumento precioso na realização da entrevista, permitindo ao entrevistador preparar perguntas mais específicas, no entanto, manteve-se um carácter menos rígido durante a mesma, dando maior liberdade ao entrevistador de alterar a sua ordem, e também ao entrevistado de poder responder mais abertamente.

Como referem Bogdan & Biklen (1994) nos estudos de observação participante o investigador já conhece os sujeitos, tornando a entrevista numa conversa entre amigos.

O tipo de entrevista aplicado no estudo foi a entrevista semiestruturada. As perguntas foram, previamente, pensadas e preparadas, contudo, o entrevistador teve liberdade para colocar outras questões de interesse. As entrevistas foram em áudio para facilitar a sua reprodução, foram autorizadas pelos entrevistados e posteriormente, foram transcritas (ver apêndice XVII, VXVIII e XIX).

A entrevista com a professora titular sobre o aluno R. e o aluno L. realizou-se no dia 16 de fevereiro de 2018, às 16h na sala do 4º ano, decorreu num ambiente descontraído e teve a duração de

25 minutos. A relação entre entrevistador e entrevistado foi de proximidade, o que favoreceu respostas mais espontâneas.

Determinaram-se os seguintes blocos no guião da entrevista à professora titular: I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado com o objetivo de legitimar e motivar o entrevistado, II – Caracterização do entrevistado com o objetivo de conhecer a formação base do entrevistado e a sua experiência profissional, III – Opinião sobre o comportamento dos alunos com o objetivo de saber à quanto tempo é professora dos alunos, identificar as suas dificuldades e evolução, IV – Apreciação sobre a relação entre os alunos e o professor/a titular com o objetivo de conhecer a relação entre aluno/professor, V – Parecer sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos com o objetivo de identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos e qual foi a sua evolução, VI – Parecer sobre as estratégias/práticas pedagógicas utilizadas com os alunos com o objetivo de conhecer as estratégias/práticas utilizadas no processo ensino/aprendizagem, VII – Opinião sobre o interesse dos pais na vida escolar dos filhos com o objetivo de conhecer o acompanhamento dos pais aos seus filhos e VIII – Opinião sobre os apoios educativos dos alunos com o objetivo de conhecer o tipo de apoios, a sua duração e como se processa a articulação com o professor de EE (ver apêndice II).

A entrevista com o professor de EE sobre os alunos R. e L. efetuou-se no dia 22 de fevereiro de 2018, às 10h no do professor e teve a duração de 18 minutos. O professor foi bastante colaborativo durante a entrevista que ocorreu num ambiente agradável e sem formalidades. Na entrevista ao professor de EE, determinaram-se os seguintes blocos: I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado com o objetivo de legitimar e motivar o entrevistado, II – Caracterização do entrevistado com o objetivo de conhecer a formação base do entrevistado e o tempo de experiência profissional, III – Apreciação entre a relação professor/aluno com o objetivo de conhecer a relação entre aluno/professor, IV – Apreciação sobre a aprendizagem/dificuldades do aluno com o objetivo identificar as dificuldades dos alunos e a sua evolução, V – Opinião sobre o tipo de intervenção realizada com os alunos com o objetivo de conhecer que tipo de intervenção e estratégias utiliza com os alunos e VI – Opinião sobre a articulação com o professor de ensino titular com o objetivo de conhecer como se articula com o professor titular (ver apêndice III).

A entrevista com a mãe do aluno R. realizou-se no dia 27 de fevereiro de 2018, às 16h na sala de aula do aluno, teve a duração de 12 minutos e também ocorreu de forma tranquila. O entrevistador já conhecia a mãe do R., pois já tinham conversado anteriormente. A mãe do R. manifestou à vontade e revelou-se muito participativa, respondendo a todas as perguntas sem qualquer constrangimento. Na entrevista à mãe do R. estabeleceram-se os seguintes blocos: I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado com o objetivo de legitimar e motivar o entrevistado, II – Caracterização do entrevistado com o objetivo de conhecer a idade e a profissão dos pais, III – Opinião sobre o comportamento do aluno R. com o objetivo de conhecer o comportamento do aluno em casa, saber se houve evolução e em que constou essa evolução, IV – Parecer sobre o conhecimento que o aluno R. tem da sua perturbação com o objetivo de saber qual o entendimento do aluno acerca da sua perturbação (ver apêndice IV).

A entrevista à mãe do L. decorreu no dia 28 de março de 2018, às 18h na sala de aula do aluno e teve a duração de 13 minutos. A mãe do L. mostrou-se muito participativa e respondeu a todas as

perguntas de uma forma muito espontânea e verdadeira. Na entrevista com a mãe do L. estabeleceram-se os seguintes blocos: I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado com o objetivo de legitimar e motivar o entrevistado, II – Caracterização do entrevistado com o objetivo de conhecer a idade e profissão do entrevistado, III – Opinião sobre o comportamento do aluno R. com o objetivo de conhecer o comportamento do aluno em casa, se houve evolução e a que motivos se deve essa evolução, IV - Parecer sobre o conhecimento que o aluno R. tem da sua perturbação com o objetivo de saber se o aluno tem entendimento da sua perturbação (ver apêndice IV).

As entrevistas efetuadas foram transcritas e estão em anexo. A sua confidencialidade foi assegurada de forma a proteger a identidade de todos os intervenientes.

6 - Caracterização dos sujeitos envolvidos nas entrevistas.

Professora Titular de turma

A professora titular leciona há 16 anos, tem a Licenciatura em Ensino do 1º ciclo e o Mestrado em Didática da Língua Portuguesa. Está num agrupamento de escolas no concelho da Amadora há 12 anos e sempre teve crianças com necessidades educativas especiais.

Professor de EE

O professor de EE leciona há 15 anos, tem a licenciatura em ensino do 1º ciclo e a especialização em EE no domínio cognitivo e motor. É professor de EE há 4 anos e está no agrupamento de escolas no concelho da Amadora desde o início do ano letivo 2017/2018.

Mãe do R.

A mãe do aluno R. tinha 33 anos quando a entrevista foi realizada a 27 de fevereiro de 2018 era auxiliar de ação médica, era divorciada e vivia sozinha com o filho. Era auxiliada pelos pais na educação do R. .O seu nível académico era o 7º ano de escolaridade.

Mãe do aluno L.

A mãe do L. tinha 32 anos quando foi realizada a entrevista a 28 de março de 2018 e era vendedora. Era casada e vivia com o marido, o L. e outro filho de 2 anos e vivia longe da área da escola do L.. O seu nível académico é o 8º ano de escolaridade.

7 – Apresentação dos alunos envolvidos no estudo

7.1 – Caracterização do aluno R.

Segundo o historial familiar retirado do relatório psicológico de 29 de novembro de 2017, a mãe tem 31 anos e é auxiliar de ação médica. O R. é uma criança do sexo masculino e nasceu de uma gravidez de termo, sem interferências. Apresentou gastroenterites frequentes nos primeiros anos de vida. Sofre de estrabismo, pelo que foi sujeito a três intervenções cirúrgicas. Em 2014 foi sujeito a uma intervenção aos ouvidos, nariz e garganta. Como é referido no mesmo relatório apresentou atraso na motricidade (começou a andar aos 15 meses), na linguagem (primeiras palavras aos 3 anos) e do controlo dos esfíncteres (diurno adquirido aos 4 anos e permanece enurese noturna). Beneficiou de Terapia da Fala dos 4 aos 5 anos e aos 5 anos já apresentava agitação motora e dificuldades no domínio da atenção/concentração, evidenciando dificuldades em acompanhar as atividades no jardim-de-infância. É acompanhado na consulta de Pediatria e do Desenvolvimento e por um Psicólogo numa clínica.

No início do estudo o R. tinha 9 anos de idade, e frequentava o 4º ano de escolaridade no ano letivo 2017/2018. Frequentou o estabelecimento da rede pública desde o pré-escolar até ao 4º ano, no concelho da Amadora. O aluno foi sempre uma criança afável com o adulto e com os seus pares, era muito irrequieto, imaturo e apresentava muitas dificuldades ao nível da atenção/concentração, fato referido, também, no relatório psicológico, pela própria mãe e pela professora titular “Ele era extremamente imaturo, era uma criança muito irrequieta, não conseguia estar sentado, tinha que passar o dia a brincar, teve uma aquisição da leitura mais demorada (...)”, “Sim come sozinho, faz as coisas dele sozinho mas quando acaba de tomar banho fica sempre na brincadeira. Já lhe disse R. acabas, veste-te e sai da banheira mas não fica sempre a falar com o amigo imaginário” (ver transcrição da entrevista com a professora titular e com a mãe, no apêndice XXI, XXIII).

De acordo com a professora titular e segundo a avaliação psicológica o R. revelou desafios, sobretudo, nas funções executivas (atenção, memória de trabalho e sequenciação, enquadradas na PHDA) e na linguagem (limitações no vocabulário e conhecimentos verbais), assim como na motricidade fina. Foi ainda referido pela professora titular que apresentava alguns momentos de concentração, porém tinha outros de total apatia e de também, de grande agitação. Teve uma aquisição da leitura tardia e demonstrava dificuldades de cálculo.

Como constou nos documentos do ano letivo 2014/2015 (PEI) foi abrangido pelo Decreto-Lei 3/2008 por apresentar Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção associada a dificuldades específicas de aprendizagem, as quais estavam relacionadas com um desenvolvimento intelectual baixo. Iniciou a terapêutica farmacológica em 2014, desde o diagnóstico de PHDA. Foi melhorando ao longo do tempo e fez algumas progressões na aprendizagem, contudo, apresentava no início do ano letivo 2017/2018 ainda, algumas limitações ao nível da autonomia, na maturidade, na aquisição dos conteúdos, revelando: desmotivação, inatividade e falta de concentração/atenção “A.... Inconstante, ele tem momentos que já se concentra, vai adquirindo algumas competências, apesar de ter, de ter as suas adequações, de ter o seu próprio ritmo, pronto, isso tem que ser respeitado, às vezes é difícil,

um... tem momentos em que se concentra, tem momentos de apatia completa e tem momentos em que não consegue estar concentrado (...)", O R. entrou na sala, sentou-se e deitou a cabeça sobre a mesa. Revelou um comportamento totalmente desinteressado, recusando-se a fazer o plano do dia. A professora incentivou-o a começar e o aluno começou a escrever mas, logo em seguida voltou a deitar a cabeça na mesa. Cerca de 5 minutos depois levantou-se e pediu para ir beber água" (ver transcrição da entrevista com a professora titular no apêndice XXI e registos de observação no apêndice VIII).

Os apoios escolares destacados nos documentos anteriores (PEI), referem que o R. tinha apoio específico e especializado (grupo de EE) durante 1h semanal, apoio pedagógico acrescido (área do português e da matemática) durante 1h semanal, sessões de 30 minutos por semana com a psicóloga da escola, adequações curriculares, adequações no processo de avaliação e estratégias adequadas ao ensino/aprendizagem. No ano letivo 2017/2018 não manteve os apoios, designadamente, a psicóloga e o apoio pedagógico acrescido, o professor de EE anterior não assegurou a continuidade destes apoios.

As estratégias pedagógicas adotadas com o aluno foram a diferenciação pedagógica, ressaltando, todavia, o fato do aluno nem sempre aceitar essa diferenciação "A de diferenciação. Um grau de exigência menor nos testes, há adaptações, embora ele não faça quando é diferente dos colegas, parece que ainda finca mais o pé, já por várias vezes dei ao R. fichas com um grau menor de dificuldade ele conseguia ter pior classificação nessas fichas. Ele também não lido muito bem com a diferenciação (...)" (ver apêndice XXI, transcrição da entrevista da professora titular).

O R. foi ainda mencionado pelo professor de EE como uma criança sociável mas com grande necessidade de atenção, sendo na opinião do professor, necessário trabalhar as competências emocionais ". Este aluno sempre foi a nível afetivo muito carente, precisa de muita atenção, tem sempre histórias para contar, por exemplo assuntos, tem sempre uma novidade, tem sempre um brinquedo novo para mostrar portanto é um aluno que precisa de muita atenção e especialmente de estar sozinho comigo (...) (ver transcrição da entrevista com o professor EE no apêndice XXII). De acordo com a informação prestada pela mãe e confirmada pela professora titular, no início do ano letivo 2017/2018 suspendeu a medicação por ordem do médico de família por demonstrar apatia o que prejudicou a sua concentração "A.... Este ano começou o 1º período completamente desregulado, sem medicação, sem nada, a mãe disse que estava a fazer uma experiência a.... que nós temos que respeitar, (...)", "(...) Mas eu no ano passado no 3º período deixei de lhe dar a medicação porque foi a história de que a medicação não devia estar a fazer efeito certo. Mas a professora até me disse que a parte da hiperatividade ele estava mais calmo era só a concentração. Nota-se uma diferença na letra e tudo Ele tem que estar medicado (...)" (ver transcrição da entrevista com a professora titular e com a mãe nos apêndices XXI e XXII). A medicação foi retomada depois de se verificar uma destabilização do comportamento, falta de motivação e concentração nas aprendizagens escolares.

Através dos registos de observação, da entrevista à mãe e à professora titular (apêndices XI, XXI e XXIII) concluiu-se que a instabilidade familiar vivida pelo aluno prejudicava, também, o seu desempenho a nível escolar, não lhe permitindo fazer as progressões necessárias. "Em setembro o pai, houve uma mudança na vida do pai. O pai deixou a namorada a pessoa com quem estava, foi viver para casa dos pais e depois logo a seguir em setembro foi viver com outra rapariga. No espaço de dois

meses houve uma alteração na vida da R. “(...)o pai viu para ai duas vezes, uma numa reunião e outra no minipreço porque ele achou que devia falar sobre o filho num supermercado”, “ (...) Entretanto, a professora perguntou-lhe sobre o fim-de-semana e com quem tinha passado, ao que o aluno respondeu, “ Sim estive com o pai, ele estava sonâmbulo, à meia-noite foi fazer barulho para a cozinha e foi comer e eu acordei e depois disse-lhe para ir para a cama! “ Em seguida a professora acalmou-o e incentivou-o a passar o plano do dia. O R. iniciou a sua tarefa mas passados alguns minutos desconcentrou-se, levantou-se e pediu à professora para ir à casa de banho (...)”.

Destacam-se a sociabilidade, a partilha, a generosidade e a sua autoconfiança como pontos fortes, realçados pela professora titular e observados durante a investigação. “(...) Ele é um miúdo muito sensível e é sociável, é uma criança educada, não é muito meigo mas, à maneira dele tem a sua meiguice, ele precisa é de conhecer bem as pessoas, é uma criança que partilha, é um miúdo generoso, que gosta de mostrar, que não tem, que não é tímido, tem à vontade e ao mesmo tempo tem segurança e autoconfiança para se expor, para partilhar o que sabe, para fazer uma brincadeira, e isso é positivo (...)”, “O aluno entrou na sala e estava muito entusiasmado e conversador, pois trazia na mão uns papéis que lhe deram na aula de reiki. Perguntei-lhe se tinha gostado e o que tinha feito nessa aula. Respondeu-me que tinha gostado muito e que tinha brincado com coisas de meninas e super-heróis, (...)” (ver apêndices XI e XXI).

7.2 Caracterização do aluno L.

Segundo o PEI do ano letivo 2016/2017, o do ano letivo de 2017/018 e a entrevista à mãe (ver transcrição em apêndice XXIII), comprova-se que o L. vivia com os pais numa vivenda, onde tinham muitos animais (cães, galinhas, coelhos, etc). O pai era serralheiro civil, tinha 31 anos e a mãe era desempregada, vendia artigos cosméticos e tinha 31 anos de idade.

O parto foi normal e aconteceu às 43 semanas. O bebé não apresentava sinais traumáticos.

Relativamente ao desenvolvimento global, o L. foi uma criança saudável. Disse as primeiras palavras aos 24 meses e fez controlo dos esfíncteres aos 2 anos de idade. Aos 7 meses, na sequência de um incêndio na habitação sofreu uma queimadura numa perna. Esteve internado e fez fisioterapia. A aquisição da marcha foi aos 18 meses. À data o L. foi uma criança saudável e não foram referenciadas dificuldades até ao início da escolaridade, onde manifestou dificuldades de aprendizagem, designadamente na leitura e na escrita.

O L. no início do estudo tinha 10 anos de idade, frequentava o 4º ano de escolaridade no ano letivo 2017/2018 desde o jardim-de-infância, numa escola pública no concelho da Amadora. O L. teve uma retenção no 2º ano mas repetiu o 1º ano de escolaridade.

Em 2016 de acordo com a avaliação psicológica em contexto escolar, através da WISCILL (Escala de Inteligência de Wechsler para crianças), apontava para um nível global de funcionamento intelectual com superioridade de desempenho nas tarefas verbais (Médio) em relação às tarefas de realização (Médio Inferior). O índice de velocidade de processamento da informação é Médio, indiciando competências adequadas no âmbito da rapidez e destreza psicomotora e da codificação da

informação. A análise e interpretação dos resultados obtidos nas tarefas verbais sugerem competências na média do grupo etário para lidar com tarefas que exijam pensamento lógico abstrato, associativo e categorial, raciocínio matemático e cálculo mental, extensão de vocabulário e verbalização de conceitos, conhecimentos e compreensão de normas e valores sociais, fato que a professora titular referenciou na entrevista (ver transcrição no apêndice XXI, “ O L. tem muita capacidade, é um miúdo muito inteligente, tem raciocínios fantásticos, tem conversas como quem fala de adulto para adulto (...).” Surge, porém prejudicado, o desempenho em tarefas que impliquem memória a longo prazo, assimilação de experiências, capacidade de retenção da informação escolar e conhecimentos de cultura geral, também influenciado pelo ambiente escolar e pelo ambiente familiar em que o aluno está inserido. As tarefas de realização sugerem prejuízo muito significativo para lidar com tarefas que exijam atenção, e detalhe, compreensão do significado de uma situação interpessoal e das relações causa-efeito, estruturação espacial, organização perceptiva e concetualização do todo a partir das partes (retirado do relatório psicológico de 2016/2017). A professora titular, também concordou, referindo-se ao aluno como uma criança com muita dificuldade em se concentrar, em se organizar mentalmente, em estruturar as tarefas escolares, pouco afetivo e por vezes conflituoso com os colegas. Já o professor de EE referiu a importância de trabalhar a memória e as competências sociais. “(...) O L. precisa imenso de se mexer e se não tiver uma tarefa que o motive vai fazer rabiscos, vai canalizar a atenção e o cérebro para onde possa fugir do que não está gostar ou para onde possa escapar um bocadinho e vai sempre procurar uma ida à casa de banho (...)”, “Com os colegas é um bocadinho conflituoso, por isto, por não aceitar brincadeiras ou críticas, acaba por se relacionar de uma forma pouco próxima (...)” (ver apêndice XXI), “(...) É a zona de conforto dele, é reagir assim. Há crianças que reagem com violência com agressividade, ele não é muito dado, retrai-se, mostra má cara. Tentar calmamente e fazê-lo perceber” “ É tudo à base de conversação. Basear o trabalho na relação emocional. É, embora lá ver o que é que acontece” (ver transcrição da entrevista com o professor de EE no apêndice XXII).

Com base na avaliação efetuada e por referência à Classificação Internacional de Funcionalidade, o L. apresentava limitações, no domínio das funções: do controlo dos impulsos, da atenção, da memória, psicomotoras e da perceção visuoespacial, compatíveis com a PHDA. Assim, como, os resultados na escala de Conners para os professores, e também, na Child Behavior Checklist (preenchido pela mãe) (retirado de relatório psicológico de 2016/2017).

O aluno foi abrangido pelo Decreto-Lei 3/2008, onde beneficiou de adequações no processo de ensino/aprendizagem, nomeadamente, medidas educativas. Assim sendo, o aluno teve apoio pedagógico personalizado (individual/grupo com a professora titular), com vista à antecipação/reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem, apoio específico e especializado (grupo de EE 1h semanal) e apoio pedagógico acrescido (1h semanal), na área do português e matemática com vista ao reforço das aprendizagens e sessões com a psicóloga da escola, com a finalidade de regulação e gestão das emoções. Beneficiou ainda, de adequações curriculares individuais, adequações no processo de matrícula, adequações no processo de avaliação com maior duração para a realização das fichas de avaliação, currículo específico individual, tecnologias de apoio e redução de turma. O

aluno no início do 2º período do 4º ano integrou, também, um projeto de Mindfulness com 1h semanal de Reiki.

Segundo a professora titular e o professor de EE (ver apêndice XXI e XXII), o L. apresentou evolução no seu comportamento, contudo, ainda é muito irrequieto, “ O L. tem muita capacidade, é um miúdo muito inteligente, tem raciocínios fantásticos, tem conversas como quem fala de adulto para adulto (...)”, “(...) aquele raciocínio difuso que salta de um tema para outro sem nexo, às vezes vê-se o L. a falar sozinho, pronto, é assim uma criança que precisa de um estímulo, de uma chamada de atenção constante para se organizar (...)”.

A professora, apontou também, características relevantes na personalidade do L. como: a perspicácia, o raciocínio, a resposta rápida, a participação e a persistência, evidenciando a importância desta última na evolução demonstrada pelo aluno. “É a perspicácia, o raciocínio, a resposta pronta, a participação. É solícito, é um miúdo que está sempre pronto a ajudar, está sempre pronto a fazer um favor. Pergunta se pode, se pode fazer aquilo, e partilha algumas experiências, mas gosta, sobretudo, de ajudar, de agradar. E é um miúdo perspicaz, inteligente (...)” (ver apêndice XXI).

As estratégias adotadas com o aluno, segundo a professora titular foram: o reforço positivo e uma ajuda mais diferenciada. O professor de EE mencionou a importância da conversação para trabalhar as competências emocionais.

Em relação ao envolvimento dos pais na vida escolar do L. foram descritos pela professora como pais preocupados, interessados e muito participativos “São pais muito interessados, muito presentes. A mãe, a gente chama e ela está cá, a gente pede o material e ela traz, a gente solícita seja o que for e ela responde”. De acordo com a mãe, o aluno foi sempre muito acompanhado, porém, à data da entrevista (28/03/2018) estava um pouco mais agressivo e deprimido devido ao contexto familiar, sendo administrado medicação por ordem do médico de família “Ele agora está numa fase que está a ficar mais agressivo, mas a gente também desculpa um pouco, porque ele está com aquela depressão. Ele está a tomar Valdispert, depois também entrei em contato com a psicóloga e falei com o meu médico de família e disseram-me que o melhor era ir à pedopsiquiatria (...)” (ver apêndice XXIII). Segundo os registos de observação e a entrevista com a mãe (ver apêndice XV, XIV e XXI) o L. tem algum entendimento da sua perturbação embora, se recuse a aceitar que tem PHDA “ (...) Há coisas que ele tem noção outras que ainda não. Eu já lhe expliquei, tu és hiperativo. Ele nega, ele diz logo que não, não é” (...).

Conversa com o L. (ver apêndice XIV)

Estagiária – Porque é que vais à psicóloga, é só para falar com ela? Só alguns meninos é que vão. E tu vais porquê?

L. – Porque eu quando acabo um trabalho, levanto-me e vou-me logo assoar e mexo-me muito, ou vou à casa de banho, é por isso.

Estagiária – Então e isso acontece porquê? Porque é que te mexes muito?

L. – Então porque sim, eu sou assim. (...).

8 – Avaliação comparativa dos sujeitos em estudo R. e L.

A avaliação comparativa dos dois estudos tem como finalidade comparar e contrastar os dois sujeitos envolvidos, dar a conhecer as particularidades de cada aluno observado e as semelhanças entre ambos.

Assim sendo, comparam-se os dois casos no que respeita ao contexto familiar onde estavam inseridos. O aluno R. vinha de uma família monoparental em que o pai e a mãe não se relacionavam da melhor forma e não partilhavam a mesma forma de abordar a problemática da PHDA, o pai nunca assegurou a medicação, não concordava com este diagnóstico e também não ia à escola regularmente. A mãe era preocupada com o comportamento do filho e com o seu rendimento escolar. Os pais não ajudavam nas tarefas escolares, o R. frequentava um centro de estudos algumas vezes por semana.

O L. vivia com a mãe, o pai e um irmão. Os pais eram interessados nas tarefas escolares do filho, participavam nas reuniões e nas atividades da escola. O pai ajudava o L. na realização dos trabalhos de casa de matemática.

Em relação ao acompanhamento psicológico, o R. foi acompanhado por um Psicólogo e por um médico Pediatra e do Desenvolvimento numa clínica particular e fez terapêutica medicamentosa para a PHDA desde o 1º ano de escolaridade, apesar de ter suspenso a medicação várias vezes, no final da investigação mantinha o mesmo tratamento.

O L. era apenas seguido pelo médico de família, nunca foi medicado para a PHDA, no início do ano letivo 2017/2018 foi prescrito pelo médico de família um fármaco para aliviar a tensão nervosa.

Ao nível escolar ambos os alunos, R. e L. foram abrangidos pelo Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro de 2008 e beneficiaram de adequações no processo de ensino/aprendizagem. Apresentaram dificuldades ao nível da atenção/concentração, todavia, o R. demonstrava um comportamento desatento com alguma agitação, mas com momentos de apatia, enquanto o L. revelava maior agitação motora, impulsividade e desorganização mental.

Com base na avaliação psicológica de 2017 e por referência à Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) o R. apresentava limitações nos domínios das funções mentais: de orientação, de atenção, da memória, psicomotoras da linguagem e relacionadas com o cálculo.

De acordo com avaliação psicológica realizada e por referência à Classificação Internacional de Funcionalidade o aluno L. apresentava as seguintes limitações, no domínio das funções mentais: da energia e dos impulsos, da atenção, da memória, psicomotoras e da perceção visuoespacial.

Comparando as avaliações psicológicas concluiu-se que, ambos os alunos apresentavam limitações ao nível da atenção, da memória e psicomotoras. O aluno R. apresentava limitações na orientação, na linguagem e relacionadas com o cálculo, enquanto o aluno L. apresentava limitações da energia, dos impulsos e da perceção visuoespacial.

No que respeita às medidas educativas adotadas para cada aluno, constatou-se que ambos beneficiaram de apoio pedagógico personalizado, apoio pedagógico acrescido na área do português e da matemática, apoio individualizado especializado, psicóloga e ambos integraram o projeto de mindfulness. O aluno L. manteve estes apoios ainda durante o ano letivo de 2017/2018, enquanto que

o R. não manteve a continuidade dos apoios durante o ano letivo 2017/2018, só beneficiou de apoio individualizado especializado e a participação no projeto de mindfulness.

No que respeita à personalidade, os alunos R. e L. apresentavam características distintas. A sua forma de pensar, agir e sentir eram diferentes, dando-lhes uma identidade própria. Quando se realizou o estudo o R. era uma criança sociável, mesmo com alguma irrequietude apresentava sempre tranquilidade, autoconfiança, generosidade para com os seus pares e humildade na relação com os outros, contudo revelava pouca autonomia para a resolução de situações problemáticas. O L. era uma criança muito agitada, insegura, sem confiança nele próprio, pouco sociável, com descoordenação motora, sem organização, com poucas regras de convivência e de higiene.

Durante o processo de investigação em que uma das técnicas utilizadas foi a observação participante, a relação que se estabeleceu com os alunos envolvidos no estudo, e também com o resto da turma foi de grande proximidade. O investigador participa, envolve-se e relaciona-se com os intervenientes da investigação. Hérbet, Goyette e Boutin (1990) referem que o investigador partilha a condição humana dos sujeitos que observa. A relação de proximidade com o R. e L. foi, assim determinante, para compreender como agiam em determinadas situações, o que pensavam e o que sentiam.

A relação que se estabeleceu com os sujeitos R. e L. aconteceu e evoluiu de forma diferente. O R. sendo uma criança mais sociável teve maior facilidade em conversar, em solicitar ajuda nas tarefas escolares, relacionando-se de uma forma imediata e sem qualquer constrangimento. O L. inicialmente, manteve algum distanciamento, revelando dificuldade em se relacionar, mostrando expressões faciais de desagrado e insegurança. Contudo, houve evolução no relacionamento e progressivamente, tornou-se mais conversador, partilhando sentimentos e ideias.

9 – Reflexão

A PHDA é uma das problemáticas da infância e adolescência mais estudadas. Sendo inúmeros os estudos que a abordam têm um impacto na situação escolar, familiar e social de muitas crianças (Carreteiro, 2016).

Esta investigação, teve como propósito o estudo de caso de duas crianças com PHDA observadas durante o estágio em 1º ciclo. Inicialmente, determinaram-se vários objetivos que se consideraram fundamentais.

O grande objetivo geral do estudo, o de conhecer a perspetiva de pais e professores dos dois alunos envolvidos na investigação foi alcançado, na medida em que foram efetuadas entrevistas ao professor titular de turma, ao professor de EE e às mães dos dois sujeitos observados. As entrevistas contribuíram amplamente, para conhecer melhor os dois alunos com PHDA envolvidos, as suas dificuldades a nível académico, compreender o contexto familiar em que estavam inseridos e de que forma os pais participaram e colaboraram na vida académica dos seus filhos.

Relativamente aos objetivos específicos, apontam-se vários. Os primeiros dois objetivos específicos estabelecidos: observar e interagir com as crianças envolvidas na investigação e observar

a interação das duas crianças com PHDA em contexto de sala de aula e com os seus pares, foram de igual modo atingidos. O estágio permitiu observar, interagir e conhecer estas duas crianças em sala de aula e com os seus pares. Foram realizadas observações diárias, e registos de comportamentos, conversas e situações que se consideraram importantes para o estudo. Esta variedade de informação recolhida durante o processo investigativo enriqueceu o trabalho apresentado.

Quanto ao objetivo de contribuir e aprofundar os conhecimentos teóricos sobre a temática da PHDA, foi pretendido pelo investigador pesquisar e apresentar vários pontos que se julgaram essenciais para a compreensão desta problemática, todavia, não se pôde apresentar as várias dimensões que envolve este tema porque tornaria o trabalho demasiadamente extenso.

Os objetivos de conhecer opinião da professora titular e do professor de EE sobre: o comportamento, as dificuldades de aprendizagem, o relacionamento com os seus pares e o ambiente familiar dos dois alunos com PHDA envolvidos no estudo foram alcançados. As entrevistas efetuadas permitiram entender e aprofundar os pontos referidos anteriormente.

Respetivamente ao último objetivo, o de conhecer a opinião dos pais sobre o comportamento dos dois alunos com PHDA em ambiente familiar e as dificuldades vividas, foi também atingido através das entrevistas. Como referido anteriormente, as mães dos dois sujeitos da investigação, participaram e colaboraram nas entrevistas, dando assim, um contributo para a investigação. Permitiu conhecer pormenores sobre os seus ambientes familiares, os seus comportamentos em casa, conhecer os alunos sobre a visão das mães e cruzar a informação obtida com a informação fornecida pelos professores.

O processo de investigação por vezes é algo penoso para o investigador. Durante o presente trabalho, levantaram-se algumas dúvidas e surgiram novas perguntas sobre o tema escolhido, o que nem sempre foi fácil gerir. Relativamente à quantidade de informação recolhida, foi complexo compreender o que fazer e como selecionar o que verdadeiramente interessava. O equilíbrio entre a observação e a participação despertou alguma insegurança, pois inicialmente tornou-se árduo para o investigador, saber quando observar, quando participar e qual o melhor momento para registar.

Apesar de alguns momentos de insegurança vivida pelo investigador, pôde-se concluir que houve entrega, curiosidade acerca do tema, preocupação em observar, procurar e recolher informação.

Nessa perspetiva, a elaboração do relatório permitiu selecionar um tema, pesquisar e estudar sobre o mesmo, enriquecendo assim, o entendimento acerca da problemática da PHDA.

Fazendo uma retrospectiva sobre todo o processo, considera-se que foi positivo, na medida em que se alcançaram todos os objetivos iniciais. Todo o trabalho investigativo culminou no estudo aqui apresentado.

10 – Considerações finais

Os alunos com PHDA demonstram entre outros problemas atividade excessiva agitação constante, dificuldades de interação e na maioria das vezes dificuldades de aprendizagem. Nas escolas, é frequente encontrar crianças com este tipo de problemas que dificultam a atuação do professor e prejudicam o ambiente da sala de aula.

A atenção às diferenças individuais e ao contexto de aprendizagem exige do professor um esforço cada vez maior, implicando uma flexibilização da organização escolar, das estratégias de ensino, dos recursos e do próprio currículo. Só assim, é possível potencializar o desenvolvimento de todos, de acordo com as suas características, necessidades e especificidades de cada um. Para isso é necessário, o professor manter-se atualizado, comunicar, cooperar, colaborar no desenvolvimento de projetos e ações, valorizando a capacidade dos alunos com PHDA. Embora não existam manuais de apoio, nem estratégias milagrosas que garantam o sucesso educativo das crianças com PHDA, o importante é que o professor tenha o maior número de conhecimentos possíveis sobre a problemática, que lhe permitam adotar estratégias adequadas e uma postura flexível num determinado ambiente educativo, não só com os alunos com PHDA mas com todos os outros.

Destaca-se também, a importância da relação/comunicação entre a escola e os pais, para que em parceria possam encontrar as melhores estratégias para enfrentar os desafios diários. O empenho de todos os intervenientes, desde pais, pessoal docente, não docente e psicólogos é fundamental para o sucesso educativo do aluno.

No que respeita à intervenção parental com as crianças com PHDA é difícil e complicada. Os pais têm dificuldade em lidar em casa com os comportamentos erráticos dos filhos e torna-se angustiante, pois não sabem como reagir e lidar com a problemática. A autculpabilização é um dos sentimentos vividos pelos pais de crianças com PHDA (Lopes,2003). Importa, porém, salientar dois aspetos relevantes: as crianças com PHDA não têm qualquer culpa dos comportamentos que exibem e os pais, também não têm qualquer culpa sobre os comportamentos inconvenientes dos filhos.

Neste sentido o papel dos professores e de toda a equipa educativa é extremamente importante. Se por um lado, a escola sozinha não é suficiente para garantir o sucesso educativo das crianças com PHDA, por outro, os pais sozinhos também não conseguem oferecer uma educação de qualidade. Desenvolver uma relação e um trabalho em parceria ajuda a melhorar a qualidade ensino/aprendizagem e o rendimento escolar dos alunos com PHDA. Os pais "(...) são elementos cruciais na planificação, execução e avaliação dos programas de intervenção dos seus filhos.(...) São eles quem melhor conhece a criança, possuindo, assim, uma informação valiosa que os professores/educadores deverão atender aquando da planificação educacional" Correia (citado por Carreteiro,2016,p.223) "

Posto isto, considera-se que o contato com as duas crianças envolvidas, possibilitou um conhecimento maior sobre a temática da PHDA e deu a conhecer a perspetiva dos pais e professores dos dois alunos envolvidos na investigação.

A observação e interação com o L. e o R. , não só possibilitou um olhar mais atento, sobre os comportamentos de cada um, como também permitiu aprender estratégias que se podem tornar vantajosas em sala de aula.

A relação de proximidade com a professora titular constituiu uma mais-valia durante o estudo que se realizou. A atuação pedagógica da professora cooperante, as estratégias adotadas em sala de aula, nomeadamente, o trabalho de grupo e a pares com a turma, foram aprendizagens que se revelaram muito úteis como futura professora.

Dar oportunidade aos alunos com PHDA de participar, de partilhar saberes e explorar áreas do seu conhecimento, valoriza-os perante os outros.

“O professor deve procurar áreas em que o aluno com PHDA se possa destacar e contribuir para os outros” Parker (citado por Carreteiro, 2016,p. 228).

Neste sentido, “a aprendizagem cooperativa favorece a interdependência entre alunos de capacidades muito diferentes, além de que se aprende muito melhor entre companheiros” González (citado por Carreteiro, 2016, p. 229).

As competências sociais, como, dialogar, expressar e respeitar opiniões, argumentar pontos de vista e resolver problemas, são trabalhadas durante o trabalho cooperativo. “ A criança com PHDA, sentindo que é capaz, aumenta a autoestima, melhora o relacionamento social, a capacidade de atenção e os episódios ligados à impulsividade diminuem” Lopes, (citado por Carreteiro, 2016,p. 231).

“Trabalhando de forma cooperativa, os alunos reconhecem, encorajam e apoiam os alunos com NEE, proporcionando a todos uma oportunidade de crescimento emocional e social” Nielson (citado por Carreteiro, 2016).

Em suma, o presente relatório espelha a perspetiva de quem observou e interagiu com os dois alunos com PHDA envolvidos no estudo. A opinião da professora titular, do professor de EE e opinião dos pais dos respetivos alunos, foram um contributo valioso em todo o processo. Os objetivos propostos inicialmente foram conseguidos, no entanto, há limitações que serão com certeza consideradas em futuras linhas de investigação.

Como futura professora, a visão e opinião dos que vivenciam de perto esta perturbação é uma mais-valia para entender melhor os comportamentos que lhe estão associados, bem como aprender a lidar com situações adversas.

Conclui-se assim, que o professor tem um papel fundamental no encaminhamento dos alunos, para que seja feito um diagnóstico o mais cedo possível. Saber distinguir um aluno agitado, de um aluno com traços de hiperatividade é muito importante.

Observar, identificar, sinalizar, compreender, adequar e refletir são ações que devem caracterizar a prática pedagógica de um docente.

“A história de cada um é importante, eterna,
divina e, enquanto viver e corresponder à
vontade da Natureza, é maravilhosa e digna
de toda a atenção”

Herman Hesse (2010)

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Consultado a 27 de agosto de 2018 em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%20%281%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o_atualizada%29.pdf
- Bertrand, Y. (2001). *Teorias contemporâneas da educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Carreiro, R. (2016). *Hiperatividade e Dificuldade de Atenção*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos
- Coll, C., Martín, E., Mauri, T., Miras, M., Onrubia, J., Solé, I. & Zabala, A. (2001). *O Construtivismo na sala de aula*. Lisboa: Edições Asa.
- Costa, S. (2010). *Um Desafio de Inclusão para Professores: Alunos com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade* (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Consultado a 26 de julho de 2018 em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39548/000825089.pdf?sequence=1>
- Cruz, E. (2008). *Procedimentos de Avaliação e Intervenção em Crianças com Déficit de Atenção com Hiperatividade*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Doran, R., Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Z Dicionários.
- Fonseca, C.. (2017). *Influência dos fatores sociofamiliares no desenvolvimento da Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto. Consultado a 28 de setembro de 2018 em: <https://www.google.pt/search?q=influencia+dos+fatores+sociofamiliares+no+desenvolvimento+da+preturbação+de+hiperatividdae+e+deefice+de+atenção&oq=>
- Fosnot, C. (1996). *Construtivismo e educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Henriques, A. (1996). *Aspetos da teoria Piagetiana e pedagogia*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Hérbert, M., Goyette, G., Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Lopes, J. (1998). *Distúrbio Hiperativo de Déficit de Atenção em Contexto de Sala de Aula*. Braga: Universidade do Minho.
- Lopes, J. (2003). *A Hiperatividade*. Coimbra: Quarteto.
- Matos, T. (2013). *Identificação dos comportamentos de alunos com Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção: Perceção dos professores*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Católica Portuguesa, Viseu. Consultado a 24 de julho de 2018 em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13581/1/Tese%20Final%20Teresa%20Matos%20Viseu%20%282%29.pdf>
- Moreira, D. (2012). *Neurotransmissores*. Consultado a 15 de setembro de 2018 em: <https://www.infoescola.com/neurologia/neurotransmissores/>
- Neto, A. (2014). *Hiperatividade e déficit de atenção*. Lisboa: Verso de Kapa.

Oliveira, L., Pereira, M., Medeiros, M. & Serrano, A. (2015). PHDA: O que há de novo na DMS- V. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, pag.78. Consultado a 2 de outubro de 2018 em: <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38596/1/PHDA%20o%20que%20ha%20de%20novo.pdf>

Orientações Curriculares, 2016. Ministério da Educação e Ciência. Consultado a 22 de março de 2018 em: <http://www.dge.mec.pt/orientacoes-curriculares-para-educacao-pre-escolar>

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.,

Strecht, P. (2008). *A minha escola não é esta*. Lisboa: Assírio & Alvim

Parker, H. (2003). *Desordem Por Défice De Atenção E Hiperatividade*. Porto: Porto Editora.

Ribeiro, R. (s.d.). Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção. *Revista de Psiquiatria*. Consultado 4 de outubro de 2018 em: <http://www.revpsiqix.org/Upload/artigo/files/6025a31e-3e18-4c64-8903-9d405d5d95ce.pdf>

Moll, L.C. (1990). *Vygotsky e a educação – Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Editora Artes Médicas Sul LTDA.

Legislação consultada

Decreto-lei nº3/08 (2008). *Define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo*. Diário da República nº4/2008, Série I. Nº4 (07/01/2008). Consultado a 15 de outubro de 2018 em: <https://dre.pt/application/conteudo/386871>

Anexos



ANEXO:

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM
Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Lúcia Maria Ferrão Capucho
Portador do Cartão de Cidadão n.º 09591651

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: Hiperatividade e Defice de Atenção - Dois Estudos de Caso
Concluído/a em 02/11/2018 Participativa de pais e professores envolvidos

Declara, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado¹ até / /

Email: luciacapucho@hotmail.com Contacto tlf: 967675172

Data: 02/11/2018

Assinatura: Lúcia Capucho

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.



Instituto
PIAGET

ANEXO ii

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

lúcia Maria Ferreira Paschoa

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acauteladamente que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Apêndices

Apêndice I – Cronograma da investigação

Temática para o relatório final		Outubro				Novembro					Dezembro					Janeiro					Fevereiro					Março					Abr			
Semanas		2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	
Observação do contexto de estágio																																		
Escolha do tema do relatório final																																		
Pesquisas sobre o tema																																		
Interação com os dois alunos com PHDA																																		
Reflexão sobre o comportamento dos alunos com PHDA																																		
Registo das observações dos alunos com PHDA																																		
Escolha das técnicas e elaboração dos instrumentos de recolha de dados																																		
Tratamento de dados																																		
Elaboração das considerações finais																																		
Entrega do relatório final																																		

Atividades	Maio				Junho					Julho					Agosto					Setembro					Outubro				
Semanas	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a
Observação do contexto de estágio																													
Escolha do tema do relatório final																													
Pesquisas sobre o tema																													
Intervenção com os dois alunos com PHDA																													
Reflexão sobre o comportamento dos alunos com PHDA																													
Registo das observações feitas dos alunos com PHDA																													
Escolha das técnicas e elaboração dos instrumentos de recolha de dados																													
Tratamento de dados																													

Apêndice II

Guião da Entrevista à Professora Titular

Tema: Hiperatividade

Tipo: Semiestruturada

Entrevistado: Professora titular de turma

Finalidade:

- . Conhecer a opinião da professora titular sobre o comportamento do aluno R.;
- . Identificar as dificuldades do aluno R. no processo de aprendizagem;
- . Conhecer as estratégias/práticas pedagógicas da professora titular específicas para o aluno R..
- . Conhecer a opinião da professora titular sobre o envolvimento dos pais na vida escolar do aluno R.

Local da realização da entrevista: E.B1 Venteira

Dia/Horário: A definir pela participante

Blocos	Objetivos Específicos	Formulário das questões
I- Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado/a	1. Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado/a;	1. Informar sobre o tema e os objetivos do trabalho a realizar; 2. Solicitar a colaboração do professor; 3. Pedir autorização para gravar a entrevista.
II- Caracterização da entrevistada	2. Conhecer a formação base do entrevistado/a; 3. Conhecer o tempo de experiência como professor/a;	4. Qual o nível académico que tem? 5. Há quanto tempo leciona? 6. Há quanto tempo leciona neste agrupamento? 7. Há quanto tempo tem crianças com necessidades educativas especiais?

<p>III- Opinião sobre o comportamento do aluno R.</p>	<p>4. Saber há quanto tempo o R. é aluno da professora titular; 5. Identificar a dificuldade do aluno e a sua evolução;</p>	<p>8. Há quanto tempo o R. é seu aluno? 9. Como era o comportamento do R. inicialmente? 10. Como descreve o comportamento atual do R.?</p>
<p>IV - Apreciação sobre a relação entre o aluno e a professor/a titular.</p>	<p>6. Caracterizar a relação entre o aluno e a professor/a titular;</p>	<p>11. Como descreveria o relacionamento com o R.?</p>
<p>V- Parecer sobre as dificuldades de aprendizagem do aluno R.</p>	<p>7. Identificar as dificuldades de aprendizagem do aluno e a sua evolução;</p>	<p>12. Quais as dificuldades de aprendizagem do R.? 13. Quais as áreas curriculares em que demonstra maiores dificuldades? 14. Qual a evolução do aluno? 15. Quais os pontos fortes?</p>
<p>VI - Parecer sobre as estratégias/práticas pedagógicas usadas no processo de ensino aprendizagem com o aluno R.</p>	<p>9. Conhecer as estratégias/práticas pedagógicas usadas no processo de ensino com o R.;</p>	<p>15. Quais as estratégias/práticas pedagógicas usadas no processo de ensino do R.?</p>
<p>VII - Opinião sobre o interesse dos pais na vida escolar do aluno R.</p>	<p>10. Conhecer o interesse e acompanhamento escolar dado pelos pais do R.;</p>	<p>16. Qual o interesse dos pais do R. pela vida escolar do filho? 17. Que tipo ajuda dão os pais nas tarefas escolares do R.?</p>

<p>VIII - Opinião sobre os apoios educativos do aluno.</p>	<p>11. Conhecer os apoios escolares que o R. tem; 12. Conhecer como é feita a articulação com o professor de E.E..</p>	<p>18. Que tipo de apoios tem o R. e qual a sua duração? 19. Considera que o R. deveria ter algum apoio individual? Porquê? 20. Como se processa a articulação com o professor de E.E.?</p>
---	---	--

Apêndice III

Guião da Entrevista ao Professor de Educação Especial

Tema: Hiperatividade – Qual a perspetiva de todos aqueles que trabalham e vivem com os alunos envolvido/os na investigação

Tipo: Semiestruturada.

Entrevistado: Professor de Educação Especial.

Finalidade:

- . Conhecer o tipo de relação entre o aluno e o professor de E.E.;
- . Conhecer o tipo de intervenção que desenvolve e em que domínios;
- . Conhecer a evolução do aluno face à intervenção;
- . Conhecer como se processa a articulação do professor de E.E. com o/a professor/a titular.

Loca da realização da entrevista: E.B1 Venteira.

Dia/Horário: A definir pelos participantes.

Blocos	Objetivos Específicos	Formulário das Questões
I - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado.	1 -Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado/a	1. Informar sobre o tema e os objetivos do trabalho a realizar. 2. Solicitar a colaboração do professor. 3. Pedir autorização para gravar a entrevista.
II - Caracterização do entrevistado.	2. Caracterizar a formação base do entrevistado; e o tempo de experiência como professor;	4. Qual o nível académico que tem? 5. Há quanto tempo leciona? 6. Há quanto tempo trabalha em educação Especial?
III - Apreciação sobre a relação entre professor/aluno.	4. Caracterizar a relação entre o aluno e o professor de E.E.	7. Há quanto tempo o R. é seu do R.? 8. Como descreveria a relação com o R.?
IV - Opinião sobre a aprendizagem/dificuldades do aluno.	5. Identificar as dificuldades do aluno e a sua evolução.	9. Quais as dificuldades atuais do R.? 10. Qual a evolução que percebe do R.?

<p>V - Opinião sobre o tipo de intervenção realizada com o aluno.</p>	<p>8. Conhecer que tipo de intervenção, estratégias usadas no apoio de E.E.</p>	<p>11. Que tipo de intervenção realiza com o R.? 12. Que tipo de exercícios/estratégias utiliza?</p>
<p>VI – Opinião sobre a articulação com o professor titular</p>	<p>9. Conhecer como se processa a articulação com o professor/a titular de turma.</p>	<p>13. Como se processa a articulação com a professora titular?</p>

Apêndice IV

Guião de Entrevista aos Pais

Tema: Hiperatividade – Qual a perspetiva de todos aqueles que trabalham e vivem com o/os aluno/os envolvidos na investigação. (provisória)

Tipo: Semiestruturada

Entrevistado: Mãe/Pai

Finalidade:

- . Conhecer o comportamento do aluno em casa;
- . Identificar dificuldades de relacionamento em contexto familiar;
- . Saber se o aluno tem consciência das suas dificuldades;

Local da realização da entrevista: A definir pelos participantes.

Dia/Horário: A definir pelos participantes.

Blocos	Objetivos Específicos	Formulário das questões
I- Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado/a	1- Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado/a;	1. Informar sobre o tema e os objetivos do trabalho a realizar. 2. Solicitar a colaboração dos pais. 3. Pedir autorização para gravar a entrevista.
II- Caracterização do entrevistado/a	2. Conhecer a idade e profissão dos pais;	4. Que idade tem o pai ou mãe do aluno? 5. Qual a profissão que desempenha?
III- Opinião sobre o comportamento do aluno R.	3. Conhecer o comportamento do aluno em casa; 4. Conhecer a evolução do comportamento do aluno; 5. Saber a que fatores se deve essa evolução? 6- Saber se o aluno tem conhecimento e	6. Como é o comportamento do L. em casa? 7. Pensa que houve alguma evolução do comportamento desde o início na escola e desde que tem apoio? 8. Em caso afirmativo a que se deve essa evolução?

IV- Parecer sobre o conhecimento que o aluno R. tem da sua perturbação.	consciência da sua perturbação. 7- Saber se o aluno sabe o porquê dos apoios na escola.	9. Pensa que o L. tem consciência da sua perturbação? 10. O L. perguntou alguma vez porque é que tem acompanhamento psicológico?
--	---	---

Apêndice V

Registo de observação do aluno R.

Auno: R. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 30 de outubro **Tempo de observação:** 2 horas

Hora da observação: 9h/11h **Intervenientes:** Aluno e professora titular

Comportamento observado: O R. entrou na sala, sentou-se e deitou a cabeça sobre a mesa. Revelou um comportamento totalmente desinteressado, recusando-se a fazer o plano do dia. A professora incentivou-o a começar e o aluno começou a escrever mas, logo em seguida voltou a deitar a cabeça na mesa. Cerca de 5 minutos depois levantou-se e pediu para ir beber água. Por volta das 9h40 a professora pediu aos alunos que se agrupassem a pares e pediu-lhes para fazerem um poema em conjunto. O R. não mostrou vontade e manteve a mesma postura inicial. Não falou com a colega, brincou com a caneta e com o estojo. Por volta das 10h o aluno pediu para ir à casa de banho onde esteve 7 minutos. Quando voltou à sala sentou-se e continuou com o mesmo comportamento. Por volta das 10h20 o R. adormeceu sobre a mesa e acordou por volta das 10h40 quando a professora o despertou, perguntando-lhe se estava tudo bem. Em seguida, a professora disse-lhe que tinha que fazer o trabalho de matemática e explicou-lhe o que tinha que fazer. O R. não prestou atenção ao que a professora lhe disse, deitou a cabeça sobre a mesa e brincou com a caneta.

Apêndice VI

Registo de observação do aluno R.

Auno: R. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 2 de novembro **Tempo de observação:** 2 horas

Hora da observação: 9h/11h **Intervenientes:** Aluno e professora titular

Comportamento observado: O R. entrou na sala, sentou-se e passou o plano do dia. Depois da professora ter distribuído uma ficha de matemática o R. esteve sempre empenhado na realização da mesma, tentando fazer os exercícios com empenho. Em seguida, a professora pediu-lhe que viesse ao quadro fazer um exercício, “ Anda lá R. mostra lá como é que fizeste este”. O aluno manifestou vontade em ir ao quadro, realizou o exercício com ajuda da professora e mostrou um comportamento atento e participativo. Em seguida, realizou alguns exercícios de português. Apesar de dispersar a sua atenção por alguns minutos, conseguiu elaborar alguns exercícios, mostrando preocupação na sua tarefa e solicitando a ajuda da professora.

Apêndice VII

Registo de observação do aluno R.

Aluno: R. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 22 de dezembro **Tempo de observação:** 1h30 horas

Hora da observação: 9h30/11h **Intervenientes:** Aluno e colegas

Comportamento observado: O R. participou no concurso sobre leitura que decorreu na biblioteca da escola. Durante atividade o aluno esteve sempre calmo e interessado. Durante a apresentação da história às outras turmas, o R. esteve com um comportamento assertivo, participou na leitura de uma forma atenta e empenhado. A professora deu-lhe no final da aula deu-lhe os parabéns, o que o deixou muito contente.

Apêndice VIII

Registo de observação do aluno R.

Aluno: R. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 4 de dezembro **Tempo de observação:** 2 horas

Hora da observação: 9h/11h **Intervenientes:** Aluno e professora titular

Comportamento observado: O R. chegou à sala um pouco desanimado e deitou a cabeça em cima da mesa. A professora titular alertou-o que iriam fazer ficha de avaliação. Durante a realização da mesma o R. teve algumas dificuldades na compreensão das questões. Esteve muito inquieto, levantou-se várias vezes e distraiu-se com o material que tinha na mesa. A professora incentivou-o e disse-lhe para se concentrar. Depois de 15 minutos sem ver alterações no comportamento do R. a professora sentou-se junto dele e perguntou-lhe quais as dúvidas que tinha. Deu-lhe ajuda na concretização da ficha, estimulando o aluno para não desistir, “Vá R. tu consegues fazer esta pergunta sozinho”, “Concentra-te que esta pergunta tu sabes”. Apesar da presença da professora junto dele o R. revelou sempre um comportamento desinteressado, mexendo-se muito na cadeira, pedindo muitas vezes para ir beber água e ir à casa de banho. Fez algumas questões da ficha de avaliação mas não conseguiu concluí-la.

Apêndice IX

Registro de observação do aluno R.

Aluno: R. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 3 de janeiro **Tempo de observação:** 2h

Hora da observação: 9h/11h **Intervenientes:** Aluno e estagiária

Comportamento observado: A professora A. depois de identificar os países de língua oficial portuguesa e localizá-los no mapa escreveu-os no quadro. Em seguida, pediu aos alunos que escrevessem também no caderno. O R. não estava concentrado na tarefa que a professora lhe mandou fazer, mostrando-se muito irrequieto na cadeira. Eu pedi à professora se o podia ajudar e sentei-me junto dele para o incentivar a fazer o trabalho. O R. perguntou-me o que eram países de língua oficial portuguesa e eu expliquei-lhe. Em seguida, o aluno olhou para o livro de estudo do meio e começou a falar do pai natal. Ouvi-o e pedi-lhe que se concentrasse e escrevesse no caderno os países. A cada palavra que escrevia, o R. parava e brincava com o lápis. Incentivei-o a continuar mas o R. levou muito tempo a concluir a tarefa. Entretanto a professora iniciou outra tarefa com a turma. O R. levou 2horas para concluir o que estava a fazer, desconcentrando-se muitas vezes e pedindo-me muitas vezes ajuda.

Inferências: O fato de eu estar junto do aluno, ajudá-lo na tarefa escolar não modificou o seu comportamento e a sua atenção durante a tarefa. Apesar de ter concluído a atividade com a minha ajuda manteve uma postura desatenta, esperando que eu lhe dissesse o que fazer.

Apêndice X

Registro de observação do aluno R.

Aluno: R. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 9 de janeiro **Tempo de observação:** 5 minutos

Hora da observação: 15h30/15h35 **Intervenientes:** Aluno e professora

Comportamento observado: O aluno entrou na sala e estava muito entusiasmado e conversador, pois trazia na mão uns papéis que lhe deram na aula de reiki. Perguntei-lhe se tinha gostado e o que tinha feito nessa aula. Respondeu-me que tinha gostado muito e que tinha brincado com coisas de meninas e super-heróis, “ Sim eu fiz, eu vi super-heróis e depois tive a brincar com coisas de meninas, não faz mal pois não?”. “ Olha aqui deram-me estas coisas, foi muito divertido. Perguntei-lhe também porque é que ia a estas aulas. Respondeu-me que não sabia.

Apêndice XI

Registro de observação do aluno R.

Aluno: R. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 15 de janeiro **Tempo de observação:** 1h

Hora da observação: 9h/10h **Intervenientes:** Aluno e professora

Comportamento observado: O R. entrou na sala já atrasado e tinha um olhar desanimado. A professora perguntou-lhe se estava tudo bem e se estava bem-disposto, o R. respondeu com um encolher de ombros e com um olhar cabisbaixo. Entretanto, a professora perguntou-lhe sobre o fim-de-semana e com quem tinha passado, ao que o aluno respondeu, “ Sim estive com o pai, ele estava sonâmbulo, à meia-noite foi fazer barulho para a cozinha e foi comer e eu acordei e depois disse-lhe para ir para a cama! “ Em seguida a professora acalmou-o e incentivou-o a passar o plano do dia. O R. iniciou a sua tarefa mas passados alguns minutos desconcentrou-se, levantou-se e pediu à professora para ir à casa de banho. Quando voltou sentou-se e brincou com o material escolar. Quando era alertado pela professora para fazer a sua tarefa, o R. começava-a mas alguns minutos depois voltava a dispersar a sua atenção.

Apêndice XII

Registo de observação do aluno L.

Aluno: L. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 22 de novembro **Tempo de observação:** 1h30

Hora da observação: 9h30/11h **Intervenientes:** Aluno e colegas

Comportamento observado: Neste dia toda a turma foi participar num concurso de leitura na biblioteca da escola. O L. durante a atividade esteve sempre atento a ouvir a leitura das histórias dos outros colegas. Quando foi a sua vez de participar, mostrou algum nervosismo mas esteve atento e empenhado na leitura. A atividade correu muito bem e o L. esta recebeu um prémio pela expressividade na leitura. Quando recebeu o prémio ficou muito surpreendido, mostrando até admiração por ter ganho. No final do concurso a professora deu-lhe os parabéns pelo prémio que recebeu e disse-lhe que se tinha portado muito bem. O L. agradeceu e disse à professora que não sabia porque é que tinha ganho. A professora respondeu-lhe que tinha ganho porque tinha lido muito bem e tinha merecido ganhar.

Inferências: O aluno revelou falta de autoestima.

Apêndice XIII

Registro de observação do aluno L.

Aluno: L. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 27 de novembro **Tempo de observação:** 2h

Hora da observação: 9h/11h **Intervenientes:** Aluno e professora

Comportamento observado: O L. passou o plano do dia e realizou os exercícios de português sem dificuldade. Quando acabou esta tarefa começou a ficar irrequieto, conversou com a colega do lado, começou a riscar os livros, a tirar folhas dos cadernos e a recortá-las, tirou o material todo da mochila, colocou-o em cima da mesa. Entretanto a professora perguntou-lhe se tinha feito os exercícios de matemática ao que o L. respondeu que não. Quando tocou para o intervalo a professora disse-lhe que não saía da sala sem ter os exercícios feitos no caderno. O L. apressou-se a fazê-los sem revelar grandes dificuldades. Quando voltou do intervalo a professora deu-lhes uma atividade de expressões para realizar. O L. esteve continuou muito irrequieto e conversador. A professora disse-lhe que tinha de se concentrar e não podia distrair a sua colega. O aluno não respondeu mas mostrou algumas expressões faciais de desagrado. O L. fez o trabalho de uma forma apressada e desorganizada, pois tinha o material e a lancheira em cima da mesa. Quando a professora viu disse-lhe que tinha que tinha que voltar a fazer outra vez, “ L. mas isto está tudo sujo e amachucado, vais tirar tudo da mesa e vais limpá-la e depois vais fazer outra vez, mas como deve ser, tu consegues fazer muito melhor que isto”. O L. mostrou outra vez uma expressão de desagrado, revirando os olhos e encolhendo os ombros. Contudo, fez o que a professora lhe mandou e entregou o trabalho no final da aula.

Inferências: O aluno apesar de manifestar desconcentração e irrequietude durante as suas tarefas quando é alertado e incentivado consegue realizá-las.

Apêndice XIV

Registo de observação do aluno L.

Aluno: L. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 15 de dezembro **Tempo de observação:** 5 minutos

Hora da observação: 10h10h05 **Intervenientes:** Aluno e estagiária

Conversa com o aluno:

Estagiária – Então L. foste à psicóloga?

Aluno – Fui.

Estagiária – Então e o que é que fizeste?

Aluno – Estive a fazer um jogo da memória e estive a falar com ela.

Estagiária – E tu gostas de falar com a psicóloga?

Aluno – Sim gosto.

Estagiária – E falam sobre o quê?

Aluno – sei lá de tantas coisas. Ela faz-me muitas perguntas. Já estava farto!

Estagiária – Porque é que vais à psicóloga, é só para falar com ela? Só alguns meninos é que vão. E tu vais porquê?

Aluno – Porque eu quando acabo um trabalho, levanto-me e vou-me logo assoar e mexo-me muito, ou vou à casa de banho, é por isso.

Estagiária – Então e isso acontece porquê? Porque é que te mexes muito?

Aluno – Então porque sim, eu sou assim.

Estagiária – Olha, e com o professor B. também gostas de estar?

Aluno – sim adoro. É muito fixe. Jogo o jogo da água e do fogo. E tenho que jogar devagar.

Estagiária – E fazes mais alguma coisa?

Aluno - Converso com ele e isso, às vezes o Lu. também está lá. Nós vamos os dois. É búeda fixe. Mas é só uma vez por semana. Não me importava que fosse todos os dias. Quem me dera!

Apêndice XIV

Registro de conversa com o aluno L.

Aluno: L. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 9 de janeiro **Tempo de observação:** 15 minutos

Hora da observação: 15h30/15h45 **Intervenientes:** Aluno e estagiária

Comportamento observado: O L. participou nas aulas do projeto de mindfulness. Quando chegou à sala depois da primeira aula perguntei-lhe se tinha gostado, ao que me respondeu, “Foi boé fixe!”. Em seguida, perguntei-lhe o que é tinha feito e respondeu-me, “Estive a fazer muitas coisas e aprendi a tirar a raiva.” Perguntei-lhe de imediato como é que se conseguia tirar a raiva. O L. respondeu-me, “Fiz como os super-heróis para tiara a raiva, olha agora só me falta 9 aulas para tirar a raiva toda”. Perguntei-lhe de seguida, porque é que tinha raiva, ao que me respondeu, “Sim tenho, às vezes fico assim, muito raivoso, no recreio quando me chamam nomes, também fico e depois bato nos miúdos”.

Inferências: O L. demonstra algum entendimento sobre o seu comportamento.

Apêndice XV

Registo de observação do aluno L.

Aluno: L. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lígia Capucho

Data da observação: 15 de dezembro **Tempo de observação:** 5 minutos

Hora da observação: 10h/10h05 **Intervenientes:** Aluno e colega e estagiária

Conversa do L. com o colega:

M. - Olha a professora mandou guardar as fichas no dossier. Eu guardei-te tudo no teu.

L.- Está bem. Obrigada.

M. – Estava tudo solto, eu organizei-te tudo.

L. – Ahh!! Ok. Ainda bem eu não gosto de organizar as coisas. Sou bue desorganizado.

Estagiária – Então, mas tens de começar a organizar-te melhor. A arrumar as coisas no local certo e como deve ser. Não podes espalhar tudo como costumás fazer.

L. – Ohhh! A minha mãe está sempre a dizer “Vai arrumar as tuas coisas” mas eu nunca vou.

Estagiária – Mas não pode ser tens que fazer o que a tua mãe manda. Para ela ficar orgulhosa de ti.

Apêndice XVI

Registo de observação do aluno L.

Aluno: L. **Professora:** Á. **Ano:** 4º ano **Observador:** Estagiária Lúgia Capucho

Data da observação: 12 de janeiro **Tempo de observação:** 30 minutos

Hora da observação: 10h30/11h **Intervenientes:** Aluno e estagiária

Comportamento observado: A professora mandou estudar a tabuada porque iam realizar um concurso de tabuadas. O L. ficou muito entusiasmado e disse que gostava mais de matemática do que de português, “ Até que enfim matemática, é a minha preferida”. Entretanto quando acabou o concurso o L. estava muito zangado e perguntei-lhe porque é que estava tão arreliado. Respondeu-me que tinha perdido, “ Fogo, perdi, estou farto desta escola, perdi três vezes”. Disse-lhe para se acalmar que o importante não era ganhar mas aprender. O L. respondeu-me, “ Sim, mas eu já estudei a tabuada e agora tenho que fazer a tabuada, é injusto”. Apesar do seu descontentamento o aluno cumpriu a sua tarefa e fez a tabuada.

Inferências: O aluno apesar de demonstrar alguma insatisfação e aborrecimento consegue cumprir as tarefas escolares que lhe são solicitadas.

Apêndice XVII

Transcrição da Entrevista com a professora titular sobre o aluno R.

Data da Entrevista: 22/02/2018

Local da entrevista: EB1

Hora: 15:37

Entrevistado: Professora titular A. (PT)

Entrevistador: Estagiária

Legitimação da entrevista

Estagiária – Antes de iniciarmos queria agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista bem como a sua gravação. Agradeço ainda a sua colaboração em todo o processo. Obrigada e garanto-lhe o respetivo anonimato. Os objetivos deste trabalho são, conhecer a opinião da professora titular sobre o comportamento do aluno R., identificar as dificuldades no processo de aprendizagem e conhecer as estratégias/práticas pedagógicas da professora titular específicas para o aluno.

PT – De nada.

Caracterização do entrevistado/a

Estagiária - Qual o seu nível académico?

PT - Mestrado grau mestre em didática da Língua Portuguesa.

Estagiária - Há quanto tempo leciona?

PT - Estou no 16º ano.

Estagiária – Há quanto tempo leciona neste agrupamento?

PT- Há 12 anos estou no 12º ano é a terceira turma que tenho.

Estagiária - Há quanto tempo tem crianças com necessidades educativas especiais?

PT- Tive sempre em todas as turmas.

Opinião sobre o comportamento do aluno R.

Estagiária - Há quanto tempo o R. é seu aluno?

PT- Desde o 1º ano portanto há quase 4 anos.

Estagiária - Como era o comportamento do R. inicialmente?

PT- Ele era extremamente imaturo, era uma criança muito irrequieta, não conseguia estar sentado, tinha que passar o dia a brincar, teve uma aquisição da leitura mais demorada do que os colegas por uma questão de motivação, não lhe fazia sentido, já na altura era uma criança que a educadora dizia que era da opinião que devia de haver um adiamento de escolaridade mas não se concretizou. Portanto era uma criança extremamente imatura, muito infantil ainda, com pouca disponibilidade para as aprendizagens de 1º ciclo.

Estagiária - E atualmente como descreve o comportamento do R.?

PT - A... Inconstante, ele tem momentos que já se concentra, vai adquirindo algumas competências, apesar de ter, de ter as suas adequações, de ter o seu próprio ritmo, pronto, isso tem que ser respeitado, às vezes é difícil, um... tem momentos em que se concentra, tem momentos de apatia completa e tem momentos em que não consegue estar concentrado mas também não consegue estar quieto, pede muitas vezes para ir à casa de banho, tem..., pronto é inconstante, mas já vai tendo momentos em que adquire e faz progressos, ele entretanto, foi medicado, está, às vezes não está, também não lhe facilita, não facilita muito a... aqui no encontro de um equilíbrio para aprender melhor, para estar melhor no grupo e nas atividades.

Estagiária - Mas já melhorou?

PT - Sim melhorou, houve progressos.

Estagiária - A medicação teve um efeito positivo?

PT - Tem, tem, depende da dosagem mas tem. Pronto ele no ano passado chegou a um ponto que era completamente apático, a medicação não estava a fazer o efeito pretendido, estava a fazer um efeito mas não era o pretendido. A... Este ano começou o 1º período completamente desregulado, sem medicação, sem nada, a mãe disse que estava a fazer uma experiência a... que nós temos que respeitar, não somos pais nem técnicos mas depois em consulta com o pediatra lá chegaram à conclusão que ele teria que ser medicado e reviram a dosagem. Melhorou no início do 2º período, houve ali outro momento de progresso mas depois é inconstante. Quando vem do pai não vem medicado, quando vem da mãe vem medicado, a mãe trabalha por turnos também há ali alguma inconsistência na estrutura, pronto o R. vai evoluindo mas não tanto quanto podia.

Estagiária - Então o contexto familiar não é propício a que ele tenha um ritmo equilibrado?

PT - Não é propício, é seguro a mãe acautela tudo o que consegue, o pai eu acho que também tem boas intenções mas no que diz respeito a uma progressão, a uma aquisição regrada, um bocadinho mais estável das competências, a... pronto os pais também não nascem ensinados, não são técnicos, pronto.

Apreciação sobre a relação entre o aluno e o professor titular

Estagiária - Como descreveria o relacionamento com o R.?

PT - É bom, temos um relacionamento positivo ele procura e conta connosco, comigo e contigo.

Estagiária - Comigo inicialmente era um esquivo.

PT - Procura, conta, solicita, a... quando quer trabalhar consegue pedir ajuda e nós percebemos pela solicitação, se está a pedir ajuda ou se quer que façamos por ele. Quando não quer trabalhar faz de conta que não está, põe tipo a capinha de invisível e até faz de conta que não está, fica assim muito apático a olhar para nós mas a relação é positiva. Já conseguiu colocar-se à vontade para nós percebermos quando é que mudam os humores, quando é que muda a disponibilidade, como é que muda o trabalho e portanto é positivo, é porque ele está à vontade, não é uma criança que se retraia já muito connosco.

Estagiária - Tem comportamentos agressivos?

PT - Nada, não, aliás nem ele com os colegas nem os colegas com ele, está perfeitamente integrado na turma.

Parecer sobre as dificuldades de aprendizagem do R.

Estagiária - Quais as dificuldades de aprendizagem do R.?

PT – Ora tem, além de um déficit de concentração, de atenção que tem, tem muita dificuldade na abstração, na interpretação, seja dos dados matemáticos seja em compreensão leitora e tem um ritmo de trabalho bastante aquém daquilo que seria de esperar na idade dele.

Estagiária – Quais as áreas curriculares em que demonstra maiores dificuldades? Será ao nível da resolução de problemas.

PT – Sim, tudo ao nível da abstração e tudo o que necessite de inferência para o R. é muito complicado. Algum cálculo, algum desenvolvimento de ideia, de raciocínio já vai conseguindo, ao nível da escrita tem uma estrutura muito simples, muito básica. Na matemática já vai conseguindo algumas progressões mas por exemplo ainda confunde adição com multiplicação, numa multiplicação ele adiciona os dois termos, de maneira que há ali algumaaaa, às vezes por falta de atenção, porque se tiver com alguém ao lado ele consegue, vai e consegue por ele, mas nem sempre, às vezes é para nós fazermos por ele. Mas tem alguma dificuldade de concentração e muita imaturidade ainda, porque isto são competências que não progredem mais por falta de autonomia e por falta de maturidade no desenvolvimento das tarefas propostas.

Estagiária – Sim depois chega a um 4º ano e não está preparado. Não tem os conhecimentos e não fez as aprendizagens necessárias.

PT – Sim, mesmo assim era de todo muito mais negativo se ele tivesse sido retido, uma criança com dificuldades e com a instabilidade e com os fatores de risco o R. noutra turma não se integrava como se íntegra nesta. Isto a nível de 1º ciclo as competências são todas muito bonitas, o currículo é todo muito importante mas nós temos que escolher se queremos uma criança que venha para a escola bem-disposto e que goste dos colegas, ou um miúdo que vem para a escola e sabe que vai ser gozado, sabe que vai ser diferente, que vai ser um menino NEE. O R. nesta turma não é isso, vem com eles da pré, todos o conhecem, ele é assim e todos o aceitam como ele é, assim como outro que usa óculos, como a outra que fala mal, ou como o da pele escura, eles são uma turma e o R. faz parte da turma. Se ele saísse desta turma para ser retido para nas competências acompanhar a outro nível ele não ia acompanhar nas competências emocionais e sociais.

Estagiária – Podia ser prejudicial.

PT – Sim, sim, é que depois bloqueava as competências académicas também.

Estagiária – Este ano vai ficar retido?

PT – Sim não tem maturidade para ir para um 2º ciclo, os fatores que o colocam em risco e que o podem magoar ou bloquear o desenvolvimento são maiores, numa escola do 2º e 3º ciclo, está exposto, não tem o mesmo acompanhamento, não tem as autonomias necessárias, é um ambiente muito mais hostil. Mante-lo mais um ano para que amadureça, para que lide agora com a diferença numa outra turma mas já mais preparado. É o ano de adiamento escolar que ele já devia ter tido mas faz mais sentido agora.

Estagiária – Qual a evolução do aluno?

PT – Sim na leitura, na escrita, noção de número, conceitos geométricos, noções de espaço, de tempo, não é suficiente para um 4º ano, mesmo que eu lhe tirasse as metas que é uma coisa que eu não concordo, acho que o currículo está demasiado pesado, para todos, não só para o R. mesmo que eu lhe tirasse tudo o que é excessivo acho que o R. não está preparado para um 2º ciclo, acompanharia nos mínimos se calhar nem isso. Ele precisa sedimentar os conhecimentos, estas competências e as autonomias, a vontade de, a capacidade de dar a volta sozinho de levar uma tarefa até ao fim. Nós não queremos que o R. saia daqui só a saber copiar a saber ler e a saber umas continhas, isso não são competências essenciais para progredir. Precisa de competências criativas, abstrativas e autonomias. Não sei se vai conseguir, como é que vai ser acompanhado mas vamos ver.

Estagiária – Quais os pontos fortes do R.?

PT – Ele é um miúdo muito sensível e é sociável, é uma criança educada, não é muito meigo mas, à maneira dele tem a sua meiguice, ele precisa é de conhecer bem as pessoas, é uma criança que

partilha, é um miúdo generoso, que gosta de mostrar, que não tem, que não é tímido, tem à vontade e ao mesmo tempo tem segurança e autoconfiança para se expor, para partilhar o que sabe, para fazer uma brincadeira e isso é positivo.

Estagiária - Agora estou-me a lembrar, até fiquei surpreendida, daquela atividade na biblioteca ele leu muito bem e portou-se muito bem e na altura nem se quer estava medicado, andava um pouco perdido e conseguiu estar muito bem.

PT- Não ele é um miúdo que se os outros dependerem dele ele corresponde, está à altura. O resto tem a ver com o que gosta mais ou o que gosta menos, isto às vezes é uma violência, miúdos destes terem de estar sentados o dia todo. Embora ele tenha que perceber que tem tarefas, e tem que as suas obrigações mas depois não os podemos castigar por coisas que eles não conseguem. E mesmo essa limitação ao nível da quietude e da concentração, quantas vezes não é uma mais-valia para atividades expressivas, é uma questão de encontrarmos a linguagem em que ele melhor se expressa. Temos experiências muito bonitas, onde colocámos currículo com arte que também é currículo. Ele tem que ter o seu tempo, a sua motivação, a autoajuda na organização mas encontrando uma forma de se expressarem em que se saíam bem também se valorizam.

Parecer sobre as estratégias/práticas pedagógicas usadas no processo de ensino aprendizagem com o aluno R.?

Estagiária – Quais as estratégias/práticas pedagógicas usadas no processo de ensino do R.?

PT – A de diferenciação. Um grau de exigência menor nos testes, há adaptações, embora ele não faça quando é diferente dos colegas, parece que ainda finca mais o pé, já por várias vezes dei ao R. fichas com um grau menor de dificuldade ele conseguia ter pior classificação nessas fichas. Ele também não liga muito bem com a diferenciação. Dar-lhe mais tempo, explicar especificamente e ler com ele, se lhe tirarmos as muletas ele não tem aproveitamento. Ele é pontual, é assíduo, com o que sabe participa, depois em termos de avaliação formal, isso fica sempre aquém. Ele não estará preparado para ir para o 5º ano, ainda assim, tem competências que lhe permitem evoluir.

Opinião sobre o interesse dos pais na vida escolar do aluno

Estagiária – Qual o interesse dos pais do R. pela vida escolar do filho?

PT – A mãe é interessada, a mãe é presente, a mãe acautela tudo, o pai viu para ai duas vezes, uma numa reunião e outra no minipreço porque ele achou que devia falar sobre o filho num supermercado.

Estagiária – Então é mais distante. Que tipo de ajuda dão os pais nas tarefas escolares?

PT- Aaaaaa, nenhuma, ele vai para o ATL, mas elas também se queixam que ele não se concentra. Então coitadinho, o miúdo depois de tantas horas na escola. E há dias, uma ou duas vezes por semana que ainda vai para um centro de estudo. Ele devia era de ter um desporto, uma música, qualquer coisa que puxasse mais por o desenvolvimento neurológico também vai por ai.

Estagiária – Ele agora tem uma vez por semana o mindfulness. E ele está a gostar. Vem muito entusiasmado.

PT – Sim, é tempo fora da sala e isso, também, é positivo. Sempre que se sai da sala eles gostam, quando vão à biblioteca eles gostam muito. Eles terem outros espaços onde se possam revelar, é muito bom. É que depois é muito complicado eles gerirem o gosto pela escola.

Opinião sobre os apoios educativos

Estagiária – Que tipo de apoios tem o R. e qual a sua duração?

PT – O R. tem uma hora por semana com o professor de educação especial.

Estagiária – E psicóloga?

PT – Não tem, só tem o apoio de ensino especial e o mindfulness.

Estagiária – Considera que o R. deveria ter algum apoio individual?

PT – Sim. Continua a haver apoios para alunos com estas necessidades. Ele devia ter para ai duas horas produtivas com alguém que se sente com ele e quem puxe individualmente por ele. Sim porque ao final do dia não vale a pena. Tem que ser em contexto escolar.

Estagiária – Como se processa a articulação com o professor de educação especial?

PT – Não articulamos assim muito. Para ser honesta, ele é muito simpático mas não articulamos muito. Pensei no início do ano quando falámos que fossemos colaborar mais. Ele pareceu-me recetivo às ideias, e aos projetos e à forma de trabalhar na sala mas não. O R. vai ao apoio volta mas não existe muita interação entre nós.

Estagiária – Não partilham as formas de trabalhar, a evolução do aluno?

PT – Não. Quando ele vem à sala faço questão de partilhar o que os meninos de educação especial fazem mas pronto. Há essa comunicação mas articulação existe pouca. É pena. Mas também não temos muito mais tempo para nos juntarmos, ele está sempre no outro pavilhão no gabinete dele e os horários também não permitem.

Estagiária – Ok e acabamos aqui. Queria desde já agradecer a colaboração e disponibilidade.

Apêndice XVIII

Transcrição da entrevista ao professor de EE sobre o aluno R.

Data da entrevista: 26/02/2018 **Local da entrevista:** EB1 **Hora:** 10h20

Entrevistado: Professor de educação especial B. (PEE)

Entrevistador: Estagiária

Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Estagiária – Antes de iniciarmos queria agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista bem como a sua gravação. Agradeço ainda a sua colaboração em todo o processo. Obrigada e garanto-lhe o respetivo anonimato. Os objetivos deste trabalho são, conhecer o tipo de relação entre aluno e o professor de E.E., conhecer o tipo de intervenção que desenvolve e em que domínios, conhecer a evolução do aluno face à intervenção e como se processa a articulação com a professora titular.

PEE – Ok de nada.

Caracterização do entrevistado

Estagiária – Qual o nível académico que tem?

PEE – Tenho a licenciatura em professor de 1º ciclo e a especialização em educação especial no domínio cognitivo e motor.

Estagiária – Há quanto tempo leciona?

PEE – Há quinze anos.

Estagiária – Há quanto tempo trabalha em educação especial?

PEE – Há quatro anos.

Opinião sobre o comportamento do aluno R.

Estagiária – Há quanto tempo o R. é seu aluno?

PEE – Só este ano letivo.

Estagiária – Como descreveria a relação com o R.?

PEE – Neste momento é uma relação de proximidade. Este aluno sempre foi a nível afetivo muito carente, precisa de muita atenção, tem sempre histórias para contar, por exemplo assuntos, tem sempre uma novidade, tem sempre um brinquedo novo para mostrar portanto é um aluno que precisa de muita atenção e especialmente de estar sozinho comigo. Sinto que ele precisa de um momento para extravasar um bocadinho, para contar coisas e tem, é engraçado que ele todas as semanas traz sempre um brinquedo novo, gosta de mostrar e explicar.

Estagiária – Sim a parte da comunicação e da interação com os colegas não é muito saudável, as brincadeiras com os outros são brincadeiras onde não haja tanta comunicação. Porque quando ele quer contar as coisas dele, interagir ou brincar, como está a um nível mais inferior, as brincadeiras dos outros não se enquadram com o tipo de brincadeiras dele. Ele quer mostrar o brinquedo mas depois não tem muita receptividade dos outros.

PEE – Sim ele traz as coisas dele para ganhar, para fazer os jogos dele e para ganhar. Portanto a situação lúdica ainda está muito no início. Ele quer é mostrar coisas novas e contar coisas novas, basicamente precisa de muita atenção.

Estagiária – Quais as dificuldades atuais do R.?

PEE – Comigo tem haver com a concentração numa tarefa, basicamente. Porque ele tem tanta necessidade de falar e de conversar e sente este momento para isso mesmo. Isto é engraçado que os miúdos também me moldam ao que eles precisam, eu não estou muito preocupado em que ele faça, eu não estou aqui para definir ou para atingir objetivos a nível académico, com ele é para falar só, ter um momento com ele.

Estagiária - Qual a evolução que percebe do R.? Se houve evolução.

PEE – Sim eu acho que funciona. O objetivo de ele ter um espaço para ele, entretanto de vez em quando vem outro aluno e ficamos os três aqui. Ao início ele não reagiu muito bem mas agora já começa a reagir melhor, portanto eu acho que isso é uma evolução, conseguir partilhar este momento com o outro colega, e partilhar alguns jogos e algumas brincadeiras.

Estagiária – Portanto a partilha já em si uma vitória.

PEE – Sim.

Opinião sobre o tipo de intervenção realizada com o R.

Estagiária – Que tipo de intervenção realiza com o R.?

PEE – Intervenção direta à base de conversa e de estimulação sobre os assuntos que ele gosta, que geralmente são coisas que ele traz de casa. E eu parto um bocadinho daí.

Estagiária – Ele às vezes chega à sala e diz que teve a fazer um jogo.

PEE – Aaaaa aqui, sim é ele sentir que tem o momento dele. E os jogos que fazemos tentamos trabalhar essas lacunas, da atenção da concentração, na concentração numa tarefa só, com um objetivo, tem que finalizar, ele tem que perceber as metas, portanto dou-lhe dez minutos para realizar isto, seja um jogo ou outra coisa. Mas eu não tenho nada muito preparado, portanto parte um bocadinho do dia, do que ele traz, do interesse dele. Por exemplo, há uma confusão no intervalo, nós vamos conversar um bocadinho sobre isso. É moldar-me ao estado de espírito dele. Eles às vezes vem motivado para trabalhar outras vezes não vem motivado para trabalhar. Mas é acima de tudo, sentir-se feliz, sentir que tem alguém.

Estagiária – Que tipo de exercícios/estratégias utiliza nas seções de apoio com o R.?

PEE – Sim foi o que eu acabei de dizer.

Estagiária – Ok já está respondido. Não eu pensei que se realizasse algum tipo de exercício para a abstração, para as dificuldades ao nível da matemática, do raciocínio, ao nível da leitura e da compreensão.

PEE – Não com este tipo de alunos o mais importante é ter um momento onde ele consiga falar, eu não trabalho com ele português nem matemática, não é esse o objetivo. Posso ir ao encontro disso mas depois de ele ter o espaço dele. Por exemplo, se fosse uma dislexia ou coisas assim. Este miúdo tem uma parte emocional que tem de ser trabalhada. A lacuna dele está na parte emocional.

Opinião sobre a articulação com o professor titular

Estagiária - Como se processa a articulação com a professora titular? Se têm reuniões?

PEE – Sim temos trabalho distinto mas reunimos antes, falámos no início, sobre a problemática do aluno e depois vamos comunicando.

Estagiária – Ok obrigada está feita a entrevista sobre esta criança.

Apêndice XIX

Transcrição da entrevista à mãe do aluno R.

Data: 27/02/2018

Hora: 11h

Local: EB1

Entrevistado: Mãe

Entrevistador: Estagiária

Legitimação da entrevista

Estagiária - Antes de iniciarmos queria agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista bem como a sua gravação. Agradeço ainda a sua colaboração em todo o processo. Obrigada e garanto-lhe o respetivo anonimato. Os objetivos deste trabalho são, conhecer o comportamento do aluno em casa, identificar as dificuldades de relacionamento em contexto familiar e saber se o aluno tem consciência das suas dificuldades.

Mãe – De nada.

Caracterização do entrevistado/a

Estagiária – Que idade tem a mãe?

Mãe – Eu tenho 33 anos.

Estagiária – Qual é a sua profissão?

Mãe – Eu sou auxiliar de ação médica.

Estagiária - Qual o nível académico que tem?

Mãe – Tenho 7º ano de escolaridade.

Opinião sobre o comportamento do aluno R.

Estagiária – Como é o comportamento do R. em casa?

Mãe – Normalmente para que ele faça alguma coisa tenho que repetir muitas vezes. Nunca faz à primeira. E depois tem comportamentos que não são próprios para a idade dele.

Estagiária – É muito infantil?

Mãe – Sim. Está sempre de cabeça no ar.

Estagiária – Mas a cabeça no ar é porquê? Derivado á hiperatividade e ao déficite de atenção.

Mãe – Sim. Essa parte eu já percebi. Mas sem casa para ele fazer alguma coisa tenho que repetir não sei quantas vezes.

Estagiária – Mas o R. é autónomo em casa?

Mãe – Sim come sozinho, faz as coisas dele sozinho mas quando acaba de tomar banho fica sempre na brincadeira. Já lhe disse R. acabou, veste-te e sai da banheira mas não fica sempre a falar com o amigo imaginário.

Estagiária – Pensa que houve alguma evolução no comportamento do R. desde o início da escola, desde que foi diagnosticado e que tem acompanhamento? Ele não tem psicóloga na escola mas tem acompanhamento médico?

Mãe – Não faço ideia mas acho que não.

Estagiária – Sim, mas pensa que houve alguma evolução desde que ele foi sinalizado e depois diagnosticado?

Mãe – Ele andou ai uma fase que estava melhor sim. Mesmo até a professora dizia que ele estava mais calminho. Sim mas está muito melhor. Mas eu no ano passado no 3º período deixei de lhe dar a medicação porque foi a história de que a medicação não devia estar a fazer efeito certo. Mas a professora até me disse que a parte da hiperatividade ele estava mais calmo era só a concentração. Nota-se uma diferença na letra e tudo. Ele tem que estar medicado. Mesmo em casa eu notei diferença. Mas sim está melhor ele antigamente em casa dos meus sogros andava sempre a correr e agora já consegue estar quieto. Mas nota-se diferença. Mas desde setembro para cá.

Estagiária – Então pensa que foi da medicação?

Mãe – Sim. Mas tem estas fases. Em setembro o pai, houve uma mudança na vida do pai. O pai deixou a namorada a pessoa com quem estava, foi viver para casa dos pais e depois logo a seguir em setembro foi viver com outra rapariga. No espaço de dois meses houve uma alteração na vida da R. Ele estava habituado à outra pessoa e passou a estar com outra pessoa que não conhece de lado nenhum. E que também tem uma menina que anda aqui na escola. Depois o pai também não lhe dá a medicação que eu mando diz que ele não tem nada que tomar. Eu já tentei falar com ele mas não. Não quer saber. E no início do ano ele não esteve nada bem. Em novembro ele estava completamente desinteressado da escola. E foi quando a psicóloga me disse que ele tinha que tomar qualquer coisa urgentemente outra vez.

Estagiária – Mas ele é seguido por uma psicóloga lá fora?

Mãe – Sim. Ele não estava bem, notava-se a expressão dele, as professoras da sala de estudo disseram-me exatamente a mesma coisa.

Estagiária – Sim o ambiente familiar não ajuda em nada, assim, afeta tudo o resto. Tem muita influência.

Mãe – Claro.

Estagiária – Ele tem alguma consciência da sua Hiperatividade? Ele pergunta porque é que vai à educação especial? Ou pergunta porque é que vai à psicóloga? Ou se já alguma vez comentou sobre a diferença do seu comportamento em relação ao dos colegas.

Mãe – Não, nunca me tocou nesse assunto. Nunca me perguntou nada. Quando ele começou a tomar a medicação, ele perguntou-me porque é que tomava a medicação. E eu disse-lhe, tens que tomar para ficares um bocadinho mais quietinho, mais concentrado na sala, para conseguires fazer os trabalhos. Mas de resto mais nada. Quando toma o comprimido diz-me: “Mãe falta o comprimido”.

Estagiária – Ok não tenho mais perguntas. Obrigada.

Apêndice XX

Transcrição da entrevista com a professora titular sobre o aluno L.

Data: 22/02/2018

Hora: 15h50

Local: EB1

Entrevistado: Professora titular A. (PT)

Entrevistador: Estagiária

Legitimação da entrevista

Estagiária – Antes de iniciarmos queria agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista bem como a sua gravação. Agradeço ainda a sua colaboração em todo o processo. Obrigada e garanto-lhe o respetivo anonimato. Os objetivos deste trabalho são, conhecer a opinião da professora titular sobre o comportamento do aluno L., identificar as dificuldades no processo de aprendizagem e conhecer as estratégias/práticas pedagógicas da professora titular específicas para o aluno.

PT – De nada.

Caracterização do entrevistado

Estagiária - Qual o seu nível académico?

PT - Mestrado grau mestre em didática da Língua Portuguesa.

Estagiária - Há quanto tempo leciona?

PT - Estou no 16º ano.

Estagiária – Há quanto tempo leciona neste agrupamento?

PT- Há 12 anos estou no 12º ano é a terceira turma que tenho.

Estagiária - Há quanto tempo tem crianças com necessidades educativas especiais?

PT- Tive sempre em todas as turmas.

Opinião sobre o comportamento do aluno L.

Estagiária – Há quanto tempo o L. é seu aluno?

PT – Desde o 1º ano embora para ele era o 2º ano. Repetiu o 1º ano por acordo entre a professora e a mãe. Quando ele veio para a minha sala já tinha estado no 1º ano.

Estagiária – Como descreve o comportamento do L. inicialmente?

PT – O L. era uma enguia. O L. passava em qualquer buraquinho, em qualquer espacinho, entre as prateleiras da mesa, debaixo das cadeiras, sempre muito desorganizado, tudo muito sujo à volta dele, sem nexos no trabalho, no discurso.

Estagiária – Era imaturo.

PT - Não era uma questão de imaturidade era uma incapacidade dele de estar e de ser, de fazer parte, era uma criança muito difícil no início, sem aquisições prévias em aquisições escolares, apesar de já ter estado no 1º ano, não tinha adquirido nem regras, nem comportamentos, nem conhecimentos, foi um menino difícil.

Estagiária – E atualmente como descreve o comportamento do L.?

PT - Ele continua a ser uma enguia mas agora é uma enguia mais calma. O L. precisa imenso de se mexer e se não tiver uma tarefa que o motive vai fazer rabiscos, vai canalizar a atenção e o cérebro para onde possa fugir do que não está gostando ou para onde possa escapar um bocadinho e vai sempre procurar uma ida à casa de banho. O L. às vezes diz-me: “ professora tenho que me levantar posso ir aí?”, Podes, ou não podes, ou aguenta um bocadinho, pronto, não reage ainda muito bem à crítica mas já sorri, já conversa, já argumenta um bocadinho pela positiva, e isso é bom.

Com os colegas é um bocadinho conflituoso, por isto, por não aceitar brincadeiras ou críticas, acaba por se relacionar de uma forma pouco próxima, tem uma ou duas preferências por colegas e aí fixa-se e é o melhor amigo, e é irmão e é o amor da vida. Quando fixa, quando gosta, gosta, é de ideias fixas o rapaz, é o L. pronto. Mas em termos de comportamento já vai organizando um bocadinho melhor e é um miúdo muito inteligente.

O L. tem muita capacidade, é um miúdo muito inteligente, tem raciocínios fantásticos, tem conversas como quem fala de adulto para adulto. Tem um comportamento ainda errático, tem aquele comportamento confuso, aquele raciocínio difuso que salta de um tema para outro sem nexos, às vezes vê-se o L. a falar sozinho, pronto é assim uma criança que precisa de um estímulo, de uma chamada de atenção constante para se organizar basicamente, para perceber onde está. Com os colegas é conflituoso.

Estagiária – O comportamento com os colegas é conflituoso, é difícil, o L. não gosta de mostrar as emoções.

Apreciação sobre a relação entre o aluno e o professor/a titular

Estagiária - Como descreveria o relacionamento do L. com o professor?

PT – Não, não. O L. não é uma criança nada afetiva, só com os tais amigos e mesmo assim é uma afetividade do abraço, da palmadinha nas costas. É muito envergonhado e não é muito dado a afetos, a demonstrações de afeto mas é super meigo, é capaz de fazer corações e vir entregar, de apanhar flores e vir entregar, obrigar a mãe a ir à procura da prendinha para dar à amiga, ou amigo, ou à professora e vir entregar, pronto muito envergonhado. Um doce pronto, mas em demonstrações públicas não, não. Não tem consciência, não tem vontade, não tem confiança no seu corpo, na sua postura para demonstrar, para se expor, a esse nível não.

Parecer sobre as dificuldades de aprendizagem do aluno L.

Estagiária – Quais as dificuldades de aprendizagem do L.?

PT – A concentração, O L. é o típico hiperativo, é mesmo uma criança hiperativa com défice de atenção. A estrutura familiar é outra coisa, pode haver um quadro depressivo neste momento, pelo ambiente, pela fase que a família está a viver porque há uma tendência já da parte da mãe para a depressão e o L. pode ter. Ele ultimamente até tem andado mais tristonho. A saúde é frágil, ele tem faltado bastante, constipa-se com muita facilidade, tem infeções com muita facilidade mas é uma criança muito inteligente. É um miúdo vivo, um miúdo perspicaz. Ele às vezes apanha coisas que só nos mostra, nós só nos apercebemos depois. Pronto ele tem um raciocínio fantástico mas depois para estruturar o trabalho no papel é que é muito complicado. É uma questão de nós valorizarmos e adequarmos a avaliação também a isso.

Estagiária – Quais as áreas curriculares em que demonstra maiores dificuldades?

PT – Em cada uma das áreas ele tem um ou outro ponto em que tem dificuldade. Por exemplo é uma criança que lê bem mas depois para escrever é que é desorganizado. Ele percebe, responde, compreende depois para colocar por escrito uma resposta, para desenvolver um texto estruturado é muito complicado. Tem a ver com a organização mental dele, tem a ver com este raciocínio que ele

depois não consegue comunicar. Quando tem que estruturar, quando tem que parar para pensar, o pensamento vai muito à frente daquilo que ele consegue escrever e depois saem umas macacadas, é o L.

Estagiária – A nível das expressões?

PT – Já foi pior, era muito complicado ao início, não saía um trabalho pintado, não saía um trabalho recortado. Quanto mais calmo ele estiver melhor é para ele, melhor são é a qualidade das produções.

Estagiária – Qual a evolução do aluno?

PT – É boa, é positiva eu acho que sim. Ele evoluiu bastante. A mãe não o medica não quer e eu compreendo. Eu percebo que ele não queira porque o miúdo tem aproveitamento, podia ser melhor mas não há necessidade. Mas precisava de acompanhamento. Ainda bem que ele tem a psicóloga cá na escola mas ele precisava de ser seguido por um pedopsiquiatra. A mãe já marcou a consulta para um pedopsiquiatra porque ele precisava. Para se estruturar, para se encontrar, para lhe dar as estratégias que eu que não sou técnica não sei. Não lhe sei dar estratégias para se concentrar mais. As únicas que eu posso usar com ele são as da motivação e do controle, são as únicas que eu consigo. Agora os técnicos que desenvolvem investigação e trabalho nesta área, com crianças com esta especificidade, podiam fora do contexto escolar, porque isto depois também são estratégias para a vida, para a socialização e para a relação com os outros. Podiam acompanhá-lo de outra forma, com outra calma.

Estagiária - **Sim o que o pedopsiquiatra faz é, consoante a criança, perceber o que se encaixa melhor, nem sempre a medicação é a chave, nem a psicóloga é a chave mas pode ser uma psicomotricidade.**

PT – E para o L. era tão importante. A coordenação, para trabalhar aquela coordenação, e isso fazia parte da organização e da saúde física deste miúdo porque acaba por estar tudo ligado. Ele pode vir a atrofiar porque as posturas que ele tem são muito pouco corretas. Era, isso era muito importante e foi isso que tentei explicar à mãe. E a mãe é muito recetiva a esse nível, apesar de ser uma pessoa triste e com algumas dificuldades já na vida. Mas é mãe e é muito dedicada aos miúdos e sem dúvida nenhuma. O pai também é boa pessoa, também aparece bastante.

Estagiária – Quias os pontos fortes do L.?

PT – É a perspicácia, o raciocínio, a resposta pronta, a participação. É solícito, é um miúdo que está sempre pronto a ajudar, está sempre pronto a fazer um favor. Pergunta se pode, se pode fazer aquilo, e partilha algumas experiências, mas gosta, sobretudo, de ajudar, de agradar. E é um miúdo perspicaz, inteligente. Eu acho que os pontos fortes destes miúdos mesmo que às vezes não os consiga apontar especificamente, por exemplo a M. escreve lindamente mas não fez a evolução que o L. fez, O A. tem um cálculo bestial mas não fez a evolução que o L. fez. Por isso o ponto forte em cada um destes miúdos já é o progresso. Foi eles terem partido de um ponto visivelmente atrás dos outros e conseguirem manter-se no grupo e conseguirem aceitar e ser aceites e estar e evoluir dentro deste quadro. Porque eles para estarem num nível satisfatório têm que se esforçar mais que os outros. O L. está, têm que se esforçar imenso, faz um percurso que não é pacífico naquela cabeça, nem naquelas rotinas e consegue. Portanto isso é um ponto forte, isso é o ponto forte.

Estagiária – O esforço acrescido que estas crianças fazem é aquilo que os vai valorizar, aguentarem estas dificuldades e conseguirem se manter integrados faz deles uns lutadores.

PT – Sim estes miúdos é uma luta todos os dias. E conseguem-na fazer bem-dispostos para mim é uma vitória. Para eles é um feito. Sim, isso é de fato ser forte. Partir em desvantagem e disputar o pelotão e cooperar, e ser uma mais-valia, e dar o seu contributo num trabalho seja de turma, seja a pares, é bestial. Isto é um ponto forte. Porque uma criança corre o risco de não conseguir estar nestas circunstâncias, eles estão.

Estagiária – Sim, e eles aqui pelo menos são felizes, mesmo com as limitações. O que não se passa em todo o lado.

PT – Sim mas a limitação não é o mais importante é isso que nós temos que perceber.

Parecer sobre as estratégias/práticas pedagógicas usadas no processo de ensino aprendizagem com o aluno L.

Estagiária - Quais as estratégias/práticas pedagógicas usadas no processo de ensino aprendizagem com o L.?

PT – A nível de trabalho de sala só uma ajuda, estar mais em cima dele para ele não fazer riscos, por exemplo: Faz lá uma letra mais bonita, ter mais controle, dou-lhe aquele apoiozinho. De resto nas fichas de avaliação dar-lhe mais tempo é igual a ter uma ficha toda riscada, portanto, com o L. ou se dá por partes, dá agora uma folha, quando estiver pronta dá outra, ou amanhã dá a outra. Não é mais tempo, mais tempo com o L. não resulta, porque ele não é uma questão de tempo é uma questão de organização, quanto maior o volume de trabalho, pior é para ele, porque ele não se consegue organizar com tanta coisa. E para ele é o melhor, para ele conseguir estruturar-se e para concretizar.

Opinião sobre o interesse dos pais na vida escolar dos filhos

Estagiária - Qual o interesse dos pais na vida escolar do L.?

PT – São pais muito interessados, muito presentes. A mãe, a gente chama e ela está cá, a gente pede o material e ela traz, a gente solícita seja o que for e ela responde.

Estagiária – Ela ajuda nas tarefas escolares?

PT – Ela promove imenso que ele trabalhe mas não sei até que ponto é que ela tem capacidade para ajudar a certo nível. Acho que na matemática o pai faz questão em ajudar, por isso é que ele às vezes tem umas respostas tão rápidas pronto. Mas sim, são pessoas presentes e são referências para ele porque ele dá muitas vezes o exemplo da mãe e do pai.

Opinião sobre os apoios educativos do aluno L.

Estagiária – Que tipo de apoios tem o L. e qual a duração?

PT – Tem a educação especial uma vez por semana durante 1 hora, tem o mindfulness também 1 hora por semana e a psicóloga uma vez por semana 1 hora.

Estagiária – Considera que o L. deveria ter algum apoio individual?

PT – Seria positivo só pela questão do acompanhamento mas não sozinho. O R. dava jeito ter sozinho agora o L. não. O L. tem a psicóloga que pode não ser suficiente mas em termos de recurso é o necessário, podia ser mais uma vez por semana, por exemplo duas horas em dias diferentes, porque o L. precisa de ser valorizado e ter esse bocadinho. Agora em termos de trabalho, ele ter por exemplo apoio pedagógico acrescido com mais dois ou três era positivo. Porque os outros têm o seu ritmo, ele não é o apoio propriamente que necessita, é da estrutura. Os outros podem ter um ritmo mais lento e o L. tem a desorganização, então o L. consegue ajudar os outros no raciocínio e absorver a estrutura com o ritmo de trabalho mais espaçado dos outros. Por isso é que o L. no apoio pedagógico acrescido beneficiava. Porque ele não vai ficar retido coisa nenhuma, tem aproveitamento mais que suficiente.

Estagiária – Como é que se processa a articulação com o professor de educação especial?

PT – Não articulamos muito. Conversámos no início do ano, trocamos os relatórios para perceber se está tudo bem e mais nada. Articular no sentido de planear para, não.

Estagiária – Pronto está feito. Obrigada pela colaboração.

Apêndice XXI

Transcrição da entrevista com o professor de EE sobre o aluno L.

Data: 26/02/2018

Hora:10h30

Local: EB1

Entrevistado: Professor de educação especial B. (PEE)

Entrevistador: Estagiária

Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Estagiária - Antes de iniciarmos queria agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista bem como a sua gravação. Agradeço ainda a sua colaboração em todo o processo. Obrigada e garanto-lhe o respetivo anonimato. Os objetivos deste trabalho são, conhecer o tipo de relação entre aluno e o professor de E.E., conhecer o tipo de intervenção que desenvolve e em que domínios, conhecer a evolução do aluno face à intervenção e como se processa a articulação com a professora titular.

PEE – Ok.

Caracterização do entrevistado

Estagiária - Qual o nível académico que tem?

PEE – Tenho a licenciatura em professor de 1º ciclo e a especialização em educação especial no domínio cognitivo e motor.

Estagiária – Há quanto tempo leciona?

PEE – Há quinze anos.

Estagiária – Há quanto tempo trabalha em educação especial?

PEE – Há quatro anos.

Opinião sobre o comportamento do aluno L.

Estagiária – Há quanto tempo o L. é seu aluno?

PEE – Só este ano.

Estagiária – Como descreveria a relação com o L.?

PEE – Foi um relação de conquista. Pode ser só numa palavra. Então sim, foi uma relação de conquista.

Estagiária – Ele não é uma criança que... não se abre muito. Mas depois de o conquistarmos torna-se mais fácil.

PEE – Sim é a maneira de ele ser. Mas isso é com toda a gente. Se nós percebermos a forma de funcionar de cada pessoa depois conseguimos desmembrar um bocadinho. Não ir contra, mas tentar perceber como funciona. É a zona de conforto dele, é reagir assim. Há crianças que reagem com violência com agressividade, ele não é muito dado, retrai-se, mostra má cara. Tentar calmamente e fazê-lo perceber.

Estagiária – Sim ele a dificuldade maior é na desorganização, os cadernos são uma grande confusão, na mesa espalha tudo.

PEE – É porque ele não faz as coisas para ficarem bem feitas, faz as coisas com o **objetivo do fim, ele quer é ver o fim.**

Estagiária – O pensamento dele anda mais depressa. E ele adequa o que está a fazer ao pensamento dele.

PEE – Sim ele não está a viver o momento, está ansioso. Chega diz logo: “O que é que é para fazer hoje?” muito ansioso. Sim é o perfil de funcionamento dele, nós temos é que adequar, se É conseguíssemos ter, todos os professores deviam trabalhar com estes miúdos com necessidades educativas mais especiais, sim, porque todos têm necessidades educativas especiais. Até eu quando era mais criança também não me conseguia concentrar numa coisa, estava a olhar para uma coisa mas a minha cabeça não estava ali. Andava sempre fora de mim.

Opinião sobre a aprendizagem/dificuldades do aluno

Estagiária - Quais as dificuldades do L.?

PEE – Ele não tem dificuldades nenhuma. O que falta a este miúdo é alguém mais rápido que ele. Mas falha muito noutros aspetos. Por exemplo na gestão das tarefas. É um aluno que faz tudo a despachar. Precisa de evoluir para conseguir fazer um trabalho bem elaborado. Ele quer é ser rápido e rapidez não traz muito boa execução nas coisas. Metade fica pelo caminho. E isso deve ser trabalhada. E tem sido conseguida ou pelo menos chamar a atenção para isso. ~

Estagiária – Qual a evolução que percebe do L.?

PEE – Sim existe muita evolução. Conquista pessoal. Melhorar a execução das tarefas, ele tem assumido encarado isso como um crescimento.

Opinião sobre o tipo de intervenção realizada com o aluno

Estagiária – Que tipo de intervenção realiza com o L.?

PEE – É tudo à base de conversação. Basear o trabalho na relação emocional. É, embora lá ver o que é que acontece.

Estagiária – Que tipo de exercícios/estratégias utiliza?

PEE – É o mesmo. Conversação.

Opinião sobre a articulação com o professor titular

Estagiária – Como se processa a articulação com a professora titular?

PEE – Conversamos quando é necessário mas cada um tem o seu papel.

Estagiária – Não têm reuniões para falarem?

PEE – Sim conversamos às vezes quando é preciso.

Estagiária – Ok obrigada pela entrevista.

Apêndice XXII

Transcrição da entrevista com a mãe do aluno L.

Data: 28/03/2018

Hora: 17h30

Local: EB1

Entrevistado: Mãe

Entrevistador: Estagiária

Legitimação da entrevista

Estagiária - Antes de iniciarmos queria agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista bem como a sua gravação. Agradeço ainda a sua colaboração em todo o processo. Obrigada e garanto-lhe o respetivo anonimato. Os objetivos deste trabalho são, conhecer o comportamento do aluno em casa, identificar as dificuldades de relacionamento em contexto familiar e saber se o aluno tem consciência das suas dificuldades.

Mãe – De nada.

Caracterização do entrevistado

Estagiária – Que idade tem?

Mãe – 32 anos.

Estagiária – Qual a sua profissão?

Mãe – Sou vendedora.

Estagiária – Qual o nível académico que tem?

Mãe – Tenho o 8º ano.

Opinião sobre o comportamento do L. em casa

Estagiária - Opinião sobre o comportamento do L em casa?

Mãe - Somos amigos dele para tudo. Seja para quando o L. está apaixonado, seja para as dificuldades. Ele não precisa de fazer aniversário para ter um presente tem é que se portar bem, tem que fazer algumas tarefas em casa porque faz bem para a cabeça dele, tem que estudar que é só o que a gente quer e somos muito amigos dele. Ele quando falta à escola ele não fica sem fazer nada. Eu própria me comprometo em que ele faça os trabalhos para entregar à professora.

Estagiária – E como é em casa o relacionamento dele com os pais e o irmão?

Mãe – Ele dá-se muito bem com a mãe e o pai e obedece.

Estagiária – Ele é agressivo, é calmo como é que ele é?

Mãe – Ele agora está numa fase que está a ficar mais agressivo, mas a gente também desculpa um pouco, porque ele está com aquela depressão. Ele está a tomar Valdispert, depois também entrei em contato com a psicóloga e falei com o meu médico de família e disseram-me que o melhor era ir à

pedopsiquiatria. Então já tem uma consulta no S. Francisco Xavier para a pedopsiquiatria. Isto porque ele é muito amigo do padrinho que vivia connosco, mas de repente ele saiu de casa porque o padrinho é homossexual. E ele não sabe, então foi melhor assim. Se ele soubesse ia ter um choque muito grande. O L. é muito racista ele é contra essas coisas. Ele no carnaval deu graças a deus para não vir mascarado para a escola, porque viria de cavaleiro e tinha que trazer calças justas e para ele isso é à paneleiro. Ele não veste uma blusa cor-de-rosa porque é à paneleiro, ele tem a cabeça muito retrógrada.

Estagiária – Mas é influenciado por alguém, alguém o incentiva a ser assim?

Mãe - Não nada, nada. É mesmo dele. Há coisas que eu tento que ele faça de outra maneira mas não consigo, pronto. É como a concentração, eu tento que ele faça as coisas. É como os tablets, eu tento que ele só jogue ao fim-de-semana se se portar bem e depois de os trabalhos feitos. Mas eu também, sinceramente, já não sei como é que hei-de lidar.

Estagiária – Pois é difícil, não há receitas é fazer o melhor que se pode. Tem períodos melhores tem outros piores.

Mãe - Ao início pensámos que fosse por causa do irmão mas não, ele até não tem ciúmes do irmão. Tem ciúmes de quem entra em contato com o irmão. O irmão é como se fosse o biju dele. Dão-se lindamente e protege-o muito. Até digo ao L., “Olha tens que ralhar com o mano”, mas ele não.

Estagiária – Pensa que houve alguma evolução no comportamento desde o início da escola e desde que tem apoio?

Mãe – Sim, ele melhorou.

Estagiária – Mas melhorou em termos de aprendizagem?

Mãe – Sim, sim. Mesmo a professora diz que ele melhorou bastante. Agora é que está a descambar outra vez.

Estagiária – Pensa que essa melhoria se deveu a quê?

Mãe – À professora Ágata, desde o 1º ano até agora é uma professora que batalha com ele naquilo que ele não sabe. Está sempre em cima do acontecimento. Mas a psicóloga e essas coisas todas, o apoio. Ele melhorou bastante. É o meu medo no próximo ano ele vai perder a Ágata e ela puxa muito por ele. Ele tem a deficiência da concentração, da desorganização e ela puxa muito por ele. Para o ano não será assim. ~

Estagiária – Sim, são fases que se ultrapassam. Ele depois para o ano continua com os apoios, o processo dele depois segue com ele.

Mãe – Mas é diferente, é sempre diferente.

Parecer sobre o conhecimento que o aluno tem da sua perturbação

Estagiária – Pensa que o L. tem consciência da sua perturbação? Eu uma vez perguntei-lhe porque é que ia ao psicólogo e se ele gostava. E ele respondeu-me, “ Sim gosto, eu tenho que ir porque quando estou a fazer os trabalhos estou-me sempre a mexer e levanto-me muitas vezes”. Portanto ele já tem alguma consciência. Isto foi a resposta dele.

Mãe - Ele desde do 1º ano que é sempre assim, tanto que a professora Ágata já nem reprende, quando dá conta já ele está levantado para ir afiar o lápis, ou para ir à casa de banho. Mas ele está sempre a mexer-se na cadeira sempre, sempre. Há coisas que ele tem noção outras que ainda não. Eu já lhe expliquei, tu és hiperativo. Ele nega, ele diz logo que não, não é.

Estagiária – O L. perguntou alguma vez o porquê de ter acompanhamento?

Mãe – Ele fala. Porque eu pergunto sempre, com quem teve, o que é que fez? Como é que foi o apoio, ou com a psicóloga. Ele gosta muito. Gosta muito de ir à psicóloga, de ir ao apoio com o professor de educação especial, ele adora.

Estagiária – Ok. Obrigada pela entrevista e pela colaboração neste trabalho.